



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
UNIFESP - CAMPUS BAIXADA SANTISTA

RAYSSA YUSSIF ABOU NASSIF

A PRÁTICA DE OFICINAS PSICOSSOCIAIS COM CRIANÇAS  
EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE ATRAVÉS DA  
ABORDAGEM ECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

SANTOS, 2011

RAYSSA YUSSIF ABOU NASSIF

A PRÁTICA DE OFICINAS PSICOSSOCIAIS COM CRIANÇAS  
EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE ATRAVÉS DA  
ABORDAGEM ECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Trabalho de Conclusão de Curso para  
obtenção de grau de Psicólogo pela  
Universidade Federal de São Paulo –  
Baixada Santista.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Badaró Moreira

Santos, 2011

Nassif, Rayssa Y. A.

A prática de oficinas psicossociais com crianças em  
situação de vulnerabilidade através da abordagem ecológica do  
desenvolvimento humano / Rayssa Yussif Abou Nassif –  
Santos, 2011.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -  
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – Campus  
Baixada Santista, 2011.

Curso: Psicologia

Orientador: Maria Inês Badaró Moreira

1. desenvolvimento infantil 2. Saúde mental

I. Orientador (Badaró Moreira, Maria Inês) Unifesp – Campus  
Baixada Santista.

CDD150

Nome: NASSIF, Rayssa Yussif Abou

**Título: A prática de oficinas psicossociais com crianças em situação de vulnerabilidade social através da abordagem do desenvolvimento humano**

Trabalho de Conclusão de Curso para  
obtenção de grau de Psicólogo pela  
Universidade Federal de São Paulo –  
Baixada Santista.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

A cada sorriso e abraços gostosos dados pelos pequeninhos, e outros não tão pequenos, ao longo desses cinco anos. Obrigada por fazerem-me crescer tanto.

## **AGRADECIMENTOS**

Às minhas irmãs, Jihana e Tamara, que estavam na vivência do grupo mais rico que participei. Permitiram-me reconhecer as diferenças e o carinho envolvido, a risada e a vivacidade de cada conflito.

Aos meus pais, que acreditaram e investiram em sonhos que passaram a ser deles. Ensinarão o que é ser uma família diferente dentro de outros contextos, mostrando que o que importa são os laços criados.

Aos projetos de extensão Saúde no Centro e Saúde em Movimento, por oferecerem-me o primeiro contato com um grupo de crianças em minha formação, além do contato com a realidade delas e de trabalho realizado em equipe.

Às companheiras estagiárias – Suane, Lia e Crislaine –, que estavam comigo na oficina do nosso futuro. Mostraram-se uma equipe que tinha olhos para as crianças, e sintonia com as demais, demonstrando para as crianças que era possível trabalhar em equipe.

À ONG Oficina do Futuro, pela oportunidade de estágio e de uma experiência encantadora.

Aos amigos irmãos que fiz em Santos, com quem criei novos cotidianos, visões e vidas ao longo dos cinco anos da graduação e todo o resto que estava além dela.

À Profa. Maria Inês, que soube me orientar e desorientar, me acolher e me fortalecer, e sentir na prática o que é uma atuação.

Ao universo, pela série de encontros que me fizeram psicóloga.

## **EPÍGRAFE**

“Nada posso fazer: parece que há em mim um lado infantil que não cresce jamais.”

*(Clarice Lispector)*

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

FIGURA 1: REPRESENTAÇÃO DOS SISTEMAS ECOLÓGICOS      página 12

FIGURA 2: FIGURA 2: REPRESENTAÇÃO DE CASAS EM OFICINA página

FIGURA 3: REPRESENTAÇÃO DOS SISTEMAS ECOLÓGICOS ENVOLVIDOS  
COM OS PARTICIPANTES DESTA PESQUISA página



## **SUMÁRIO**

RESUMO	página 09
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	página 10
MÉTODO	página 20
RESULTADOS E DISCUSSÃO	página 25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	página 36
ANEXOS	página 43

## **RESUMO**

O desenvolvimento infantil é um aspecto que permeia diversas práticas do curso de Psicologia, sendo vivenciado em estudos de iniciação científica, atividades de extensão e estágio interdisciplinar. Para um Trabalho de Conclusão de Curso, esta temática parece apropriada para o fechamento de uma compreensão sobre o desenvolvimento infantil em situação de vulnerabilidade a partir de uma das teorias do desenvolvimento humano.

A teoria ecológica de Bronfenbrenner surge como uma possibilidade de debruçar o olhar sobre esta realidade infantil. A escolha da ONG Oficina do Futuro para realizar este estudo deu-se por fazer parte das opções de estágio para estudantes de Psicologia, facilitando a aproximação da pesquisadora responsável.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA:

A origem da palavra ecologia (*oikos + logia*) tem como significado a leitura da habitação, família. Neste sentido, nota-se que ecologia diz respeito à habitação mais ampla do homem, a forma como ele se coloca e se relaciona nos espaços físicos, sociais, mentais e relacionais (Castro, 1992; Yunes, Miranda e Cuello, 2004).

Segundo a teoria ecológica, a definição de desenvolvimento humano é:

*“mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente. (...) é o processo através do qual a pessoa desenvolve uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico.”* (Bronfenbrenner, 1996, p. 5).

Ressalta-se, assim, a importância da percepção do sujeito com o ambiente em que está inserido e não um olhar objetivo e descritivo externo.

A proposta desta abordagem é analisar indivíduos em um desenvolvimento contínuo, através da visualização de sistemas e inserção nos diferentes contextos. A complexidade e a influência das inter-relações entre os ambientes são para educadores e demais envolvidos com o desenvolvimento infantil. (Goldberg, Yunes, Freitas, 2005).

Dessa forma, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos dessa teoria é possível enfatizar aspectos psicológicos sadios preservados no desenvolvimento de crianças, adolescentes e famílias que vivem em situação de vulnerabilidade.

O desenvolvimento humano, segundo Bronfenbrenner (2001), relaciona-se com um conjunto de processos, pelos quais, as particularidades da pessoa e do ambiente interagem para produzir permanência e mudança nas características do sujeito no curso de sua vida. Os ambientes atuam como sistemas de influência na construção das suas identidades, destacando a maneira como o sujeito percebe o ambiente e interage com

ele. Os processos psicológicos são vistos como algo relacionado aos sistemas, sendo que o sujeito é um dos elementos e o foco principal são os processos e as interações. (Koller, 2004).

As reformulações atribuíram aos processos uma posição central, em que as diferentes formas de interação entre as pessoas não mais são vistas como função do ambiente, mas como função do processo. As disfunções de desenvolvimento seriam manifestações recorrentes de dificuldades em manter o controle e a integração do comportamento através de situações nesses diferentes domínios do desenvolvimento.

Para compor o desenvolvimento, Bronfenbrenner (2001) se refere a quatro núcleos inter-relacionados: *Processo, Pessoa, Contexto e Tempo*. O *Processo*, mais especificamente os *processos proximais*, dizem respeito a formas particulares de interação entre organismos e o meio ambiente ao longo do tempo. A categoria *Pessoa* reúne as características determinadas biopsicologicamente e aquelas que são construídas através da relação com o ambiente, sendo essas características produtos e produtoras do desenvolvimento. O *Contexto* compreende a interação entre os quatro níveis ambientais: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. Já o *Tempo* leva em consideração a influência no desenvolvimento de mudanças e continuidades ao longo do ciclo de vida.

As competências e disfunções do sujeito emergem das interconexões ambientais e de seu impacto sobre as forças que afetam o crescimento psicológico, estabelecido em quatro níveis ambientais - os sistemas: micro, meso, exo, macro (Bronfenbrenner, 2001). Os sistemas que compõem e organizam o meio ambiente constituem-se pelo encaixe dessas estruturas, que compreendem, além do comportamento dos indivíduos,

as conexões entre outras pessoas, a natureza dos vínculos e a influência direta ou indireta sobre a pessoa em desenvolvimento nos contextos que ela habita.

O sistema micro refere-se ao ambiente em que existe um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais vivenciados face a face pelo sujeito em desenvolvimento. É nesse contexto que estão inseridos os processos proximais, que produzem e geram o desenvolvimento, e consideram as interações entre aspectos físicos, sociais e simbólicos do ambiente.

O mesossistema se refere a conexões entre dois ou mais ambientes (microssistemas) em que o sujeito habita, sendo que ele pode ser alterado à medida que o sujeito passe ou deixe de fazer parte de outros ambientes. Exemplos disso são: as relações que são estabelecidas pela família e a escola; família e Oficina do Futuro; Oficina do Futuro e vizinhos.

O exossistema envolve os ambientes que apresentam participação indireta do sujeito, e ainda assim exercem ou sofrem influência (rede de apoio social, comunidade, amigos dos irmãos, trabalho dos pais). Amplia-se quando alguém relacionado ao sujeito passa a frequentar um novo ambiente e também exerce influência sobre ambos.

O sistema macro inclui os valores e crenças sociais que afetam os outros sistemas. Trata-se do conjunto de ideologias, valores, crenças, religiões, governo, culturas e subculturas presentes no cotidiano (Bronfenbrenner, 1996). O conceito de macrossistema envolve inclusive a subcultura particular em que o sujeito está inserido.

**FIGURA 1: REPRESENTAÇÃO DOS SISTEMAS ECOLÓGICOS**



Dessa forma, nota-se que para o modelo bioecológico do desenvolvimento humano, o sujeito desenvolve sua personalidade e formas de relacionar-se com o mundo através de um conjunto composto por: características próprias, relações estabelecidas direta e indiretamente com o meio, influências sociais e culturais. Nesse sentido, mostra-se uma teoria que considera diversas influências para o comportamento do sujeito, e modificações possíveis, com menos determinismos. (Koller, 2004).

A partir de um dos campos de estágio, encontrou-se a necessidade de uma prática do curso de Psicologia que forneça uma visão mais ampliada sobre o desenvolvimento infantil, ao mesmo tempo em que pudesse considerar o contexto de

inserção dessas crianças. Nesse sentido, a prática de oficinas psicossociais com crianças em vulnerabilidade, que ocorre durante o quarto ano de graduação, pode ser analisada através da Teoria Ecológica, potencializando as visões acerca das práticas e aproximando aspectos da realidade com a academia.

Dentro da Psicologia existem diversas teorias sobre o desenvolvimento humano, mostrando como a criança desenvolve-se cognitivamente e emocionalmente. No entanto, grande parte das concepções sobre a infância não consideram o ambiente em que o sujeito está inserido, tanto nos aspectos cotidianos quanto nos sociais e mundiais. Em algumas atuações, diagnósticos e até em tratamentos psicológicos eram feitos para determinada criança ou família a partir de um único contexto, sem que estivessem envolvidos outros ambientes vivenciados, relações com os demais grupos, aspectos econômicos e comportamentos que se manifestam em dadas comunidades. Neste sentido, para que a clínica tenha uma ligação direta com a subjetividade do sujeito, o psicólogo deve se aproximar de cotidianos e territórios habitados, possibilitando uma ligação entre teorias e vivências.

A partir disso, a Teoria Ecológica se mostra uma boa articulação entre a academia e a realidade, fornecendo mais ferramentas para leitura de situações. Mesmo que se trate de uma teoria do desenvolvimento humano, a maneira como ela lida com os ambientes vivenciados pelos sujeitos cabe em outras teorias da Psicologia, complementando leituras e de uma visão mais apropriada sobre o cuidar.

Promover oficinas psicossociais permite um contato com assuntos pertinentes àquele determinado grupo, facilitando espaços de reflexão e promoção de saúde sem a necessidade de um diagnóstico. Para saber tocar aquele grupo, é necessária uma aproximação, entrosamento dos coordenadores e do grupo, mas não se pode deixar de

considerar os espaços de convivência e contextos que fazem parte daquele cotidiano. Nesse sentido, a leitura do psicólogo que lida com a teoria ecológica para as oficinas aumenta a percepção da realidade e a aproximação com as pessoas envolvidas.

### **Contexto histórico do centro da cidade de Santos**

A região central da cidade de Santos é constituída pelos Bairros Vila Mathias, Vila Nova, Paquetá, Valongo e Centro; nos quais há intenso movimento de pessoas e veículos, por concentrar grande número de escritórios, bancos, empresas e órgãos públicos da cidade.

A cidade foi povoada inicialmente no bairro hoje intitulado Valongo, com o surgimento de residências e comércio próximos ao porto. A partir de 1850, com o aumento do comércio de café, houve uma maior necessidade de estocagem na região, e a população que anteriormente habitava os seus casarões passou a morar em bairros novos, como os bairros Vila Nova e Paquetá.

Essa região teve um grande investimento financeiro, contando inclusive com a presença do Mercado Municipal e do Hospital Beneficência Portuguesa. Surge então uma área cercada de comércio, saúde e transporte, fazendo com que se tornasse um bairro bem estruturado e abrigando casarões de famílias abastadas com o café na época. O bairro passou a chamar-se Vila Rica. (Araujo, Pereira, S.d).

No fim do século XX, o porto da cidade passou por uma reforma significativa, que aumentou muito a sua capacidade de funcionamento e visto como uma das marcas do desenvolvimento de Santos. Ela acarretou numa mudança também do espaço físico da cidade:



*“A reforma e a ampliação dos serviços portuários significavam, necessariamente, uma interferência no espaço da cidade. Reformar o porto incluía reformar o sistema de transporte e redes de serviços a ele associado, a rede de moradia e ocupação urbana. A sua demanda por trabalhadores colaborou para o adensamento e precariedade das habitações.”*(Lanna, 1996: 62).

Com o aumento da demanda, o porto passou a ser também a entrada de epidemias e doenças que se espalhavam pelo Brasil, como a febre amarela, tornando-se necessária uma medida sanitarista na região. Assim, as famílias que tinham melhores condições financeiras passaram a habitar outras regiões da cidade ou ainda se mudaram para São Paulo, onde as doenças não haviam se manifestado. Os casarões passaram a ser habitados pelos trabalhadores dos portos, tornando-se casas de cômodos.

Esse adensamento caracteriza o início da proliferação das casas de cômodos em Santos, que foram adaptadas para que cada cômodo seja locado individualmente. Neste espaço existem áreas coletivas como o banheiro, cozinha e área de serviço. Os cortiços possuem condições de baixa luminosidade, ventilação insuficiente, deteriorização do espaço, excesso de lixo, oferecendo riscos aos moradores, principalmente às crianças. Essas condições de vida precárias, nas quais há altos graus de vulnerabilidade, representam sérios riscos à saúde da população residente.

O cortiço apresenta-se como um microespaço no espaço urbano, constituindo-se como um território criador e reprodutor de cultura, no qual há reprodução de relações sociais e de poder e estabelecimento de regras de convivência. Os moradores vivem em situação de miséria com pouco acesso aos programas sociais (Micheletti e cols., S.d.).

Além disso, identificou-se grande sentimento de “despertencimento” do cortiço por parte dos moradores, já que os cômodos não eram considerados como lares, mas

sim como locais de passagem nos quais havia grande rotatividade. Os moradores apresentaram baixa autoestima e grande parte deles tinha diagnóstico psiquiátrico.

Grande parte da população que ali reside habitam os cortiços desde as décadas de 60 e 70, quando chegaram ao local juntamente com seus pais. Muitos optam por continuar na região devido à proximidade ao porto, facilitando o acesso ao trabalho, além da grande quantidade de serviços de atendimento oferecidos. São identificados na região problemas com alcoolismo, prostituição, violência doméstica e o tráfico de drogas. Entretanto, é presente no discurso de alguns profissionais que atuam nesta região uma visão negativa dos cortiços, no sentido de culpabilizar as famílias que ali residem, sendo que alguns usuários alegam sentir discriminação quando atendidos. (Araujo, Pereira).

Na mídia, quando se procura sobre as habitações nos cortiços santistas, muito se fala sobre a baixa renda das famílias que lá residem e a alta rotatividade dos aluguéis. Segundo o jornal *A Tribuna* (6 de novembro de 2002), a população que habitava os 635 cortiços na época era em sua maioria jovens, que moram sozinhos e sem terem completado o ensino fundamental. As famílias optam pelo espaço pequeno devido à falta de exigências quanto ao aluguel, como fiador e contrato, e, também, por sua maioria trabalhar no mercado informal.

Segundo o mesmo jornal, de 23 de agosto de 2003, não haviam políticas públicas para a habitação quanto a famílias que recebiam um valor abaixo de R\$ 1200,00. Também foi relatado a coletivização de banheiros e tanques entre as famílias, além de mais de 86% dos moradores ocuparem somente um cômodo.

Atualmente, existem políticas públicas envolvidas na restauração da região do centro histórico. O projeto *Alegria Centro*, da prefeitura, criado pela Secretaria de

Planejamento, visa promover melhorias na paisagem urbana da região, através da promoção e resgate de locais históricos e artísticos, a fim de valorizar o centro histórico novamente (Prefeitura de Santos, 2011).

Outra iniciativa municipal articulada com o *Alegra Centro* é o *Programa de Atuação em Cortiços (PAC)*, que visa melhorar as condições de vida nos cortiços, através de intervenções que inclui a reforma da estrutura dos casarões, reencaminhamento para outros programas de habitação quando em condições de desapropriação, melhoria nas condições de higiene, maneiras de legalizar os contratos de locação e garantir o direito da população, mantendo os baixos preços do aluguel. (Plano Municipal de Habitação, 2009).

Com essas propostas se desenvolvendo na prática, torna-se mais fácil o acesso dos moradores aos serviços, já que eles passarão a ter uma maior estabilidade quanto a sua residência, apresentando um endereço físico e, a partir disso reconhecer o bairro e os serviços que lá estão localizados. Com as frequentes mudanças, muitas vezes muda-se também as referências de atendimento devido a encaminhamentos para outras regiões, dificultando o trabalho a longo prazo e em rede.

### *Perspectivas sobre vulnerabilidade social*

Segundo Prati e colaboradores (2009):

*“a vulnerabilidade social pode ser expressa no adoecimento de um ou vários membros (da família), em situações recorrentes de uso de drogas, violência doméstica e outras condições que impeçam ou detenham o desenvolvimento saudável desse grupo. Vulnerabilidade social é uma denominação utilizada para caracterizar famílias expostas a fatores de risco, sejam de natureza pessoal, social ou ambiental, que coadjuvam ou incrementam a probabilidade de seus membros virem a padecer de perturbações psicológicas”.*

A vulnerabilidade se manifesta quando o sujeito, seu núcleo familiar e a rede de apoio próxima não conseguem estabelecer uma resposta eficaz para determinada situação, de forma que a estrutura montada anteriormente não consegue se adaptar

frente às novas experiências. Os sentimentos de impotência e de fragilidade vêm a tona, o que podem levar ao sofrimento psíquico ou adoecimento. Neste contexto, surgem maiores dificuldades para um desenvolvimento saudável do sujeito (ibidem).

O termo “vulnerável” já traz a mente a idéia de desamparo, de exploração, de exclusão, subdesenvolvimento e de pobreza. Em algumas concepções, esses atributos unem-se à noção de incapacidade, de perda de autonomia como um pré-julgamento de grupos e populações intituladas desta maneira. Entretanto, para Libermann e Tedesco (2008), deve encarar-se as concepções sobre vulnerabilidade além da dimensão do risco, como possíveis potências, possibilidades de transformação e de promoção de vida.

*“A vulnerabilidade deveria se aproximar mais e mais do próprio fato de estarmos vivos, portanto algo que vai além de uma situação ou condição específica para avizinhar-se com os processos ora mais amenos ora mais intensos ou abruptos que fazem com que a vida se processe em um continuum atravessado por aspectos biológicos, afetivos, emocionais, genéticos, políticos, subjetivos, em uma multiplicidade de dimensões que não podem ser separadas ou fragmentadas em categorias(...)” (ibidem).*

Somados a esses conceitos, surgem perspectivas teóricas na Psicologia que visam investigar qualidades e reforços positivos, ao invés de falhas que levam a determinada situação (Seligman, 2002). Surge a concepção de resiliência que designa a capacidade de resistência e adaptação às adversidades e ao risco entendida como uma função intrínseca de reequilíbrio (Assis, Pesce, Avanci, 2006). Dentre os aspectos em que se articulam a resiliência considera-se o suporte e rede social, o nível de satisfação, a superação e transformação de projetos pessoais.

Dessa forma, as famílias e grupos sociais considerados vulneráveis passaram a ser vistos como sistemas que necessitam de suporte social, considerando que os seus problemas que não se restringem a um único núcleo e há uma série de necessidades não

correspondidas. Com isso, cria-se uma visão mais abrangente da situação e conta com um melhor rastreamento de recursos disponíveis.

Nesse sentido, a resiliência refere-se à adaptação, a atuação na presença de uma situação de risco, de forma que seus resultados são tão ou mais favoráveis do que os apresentados na ausência de adversidade (Prati e cols., 2009).

As perguntas que nortearam este estudo são: de que maneira se articula teorias e práticas em Psicologia; como retirar o peso determinista do contexto, ao mesmo tempo que o leva em consideração; qual a leitura do psicólogo que atua em áreas intituladas de vulnerabilidade social. Foi em busca de responder a tais perguntas que este estudo foi proposto.

Diante disso, definiu-se como Objetivo Geral deste trabalho investigar o desenvolvimento de crianças em situação de vulnerabilidade através da teoria ecológica do desenvolvimento humano. Como objetivo específico desejou-se analisar como crianças em situação de vulnerabilidade social e atendidas por uma Organização Não Governamental se percebem, através da Teoria Ecológica do desenvolvimento humano.

## **MÉTODO**

### *INTERVENÇÃO*

Realizou-se 25 oficinas psicossociais no ano de 2010 como estágio básico de Psicologia, oferecido a estudantes do quarto ano de graduação. O modelo de prática realizado pode ser considerado uma atividade de grupo que permite uma maior facilidade em expressar os sentimentos dentro de atividades.

Trata-se de um método interventivo, que possui potências terapêuticas e pedagógicas para um determinado grupo, através de uma correlação entre cultura e subjetividade dos participantes envolvidos. (Afonso, 2006).

Para o planejamento de cada uma das oficinas, propunha-se três momentos básicos: o momento inicial, que preparou o grupo para a atividade; momento intermediário em que a atividade foi realizada pelo grupo e o momento de fechamento, no qual se observou e se discutiu o que foi produzido pelo grupo. (Afonso, 2006).

Para cada oficina se escolhia um coordenador, que liderou e repassou as atividades para o grupo, para assim facilitar que se forme a identidade grupal e ainda se mantêm a atenção sobre questões referentes a angústias que surgirem ao longo da atividade.

O enfoque das oficinas se desenvolve em torno de uma questão central a ser elaborada ou trazida pelo próprio grupo, com seus significados afetivos e vivências relacionadas ao tema a ser discutido. Dessa forma, quando se propõe uma análise, ela deve ser feita do e para o grupo, assim não se pretende análise psíquica profunda de seus participantes.

Para um bom funcionamento do processo terapêutico, os coordenadores devem disponibilizar-se para um planejamento flexível a partir de um número combinado de encontros e das demandas apresentadas pelo grupo ao longo das oficinas. Dessa maneira, torna-se mais fácil a união do interesse do grupo com a oficina proposta e a apropriação da mesma.

Para o planejamento de cada oficina, deve-se pensar em 4 momentos principais:

*Análise da demanda:*

Deve-se definir um foco, um motivo que continue justificando o trabalho. A demanda é uma situação que envolve elementos sociais, culturais e subjetivos que devem ser trabalhadas em um determinado grupo social. Cabe aos coordenadores uma observação das necessidades apontadas pelo grupo, assim como uma escuta e interpretações apuradas para demandas que não foram explicitadas.

#### *Pré-análise:*

O estágio envolvia o levantamento de dados e aspectos importantes a serem trabalhados na oficina. Assim, considerou-se as principais informações trazidas pelo grupo, a partir da observação de “temas geradores” (que darão abertura para o assunto, além de promover reflexão e envolvimento no grupo), e os aspectos emocionais que podem ser levantados.

#### *Foco e enquadre:*

O foco seria o contorno da oficina, que pode ser abordado em um ou mais encontros com a intenção de aproximar os “temas geradores” do cotidiano dos participantes, com linguagem próxima e contextualização dos objetivos e dos sujeitos. Ao aproximar-se da sua realidade, conflitos, desejos também ocorre uma maior mobilização do grupo para o desenvolvimento da tarefa proposta na oficina.

Já o enquadre é a parte que facilita a expressão dos participantes, com a caracterização destes (idade, escolaridade, etc.), além de preocupações com a estrutura - datas, horários, espaço.

### *Planejamento flexível:*

Apesar de haver um planejamento prévio da oficina e das tarefas que foram levadas, o coordenador estava ciente das possíveis modificações feitas pelo grupo a partir do contato e da apropriação da tarefa.

Cada oficina continha um momento inicial, que aproximava os sujeitos da proposta do dia, e isto podia ser feito através de brincadeiras, relaxamento ou até mesmo conversas. Em seguida, havia a realização de atividades variadas que promoviam a reflexão e elaboração do tema, podendo se dar através de atividades lúdicas, diálogos referentes ao assunto, e expansão para situações similares no cotidiano dos sujeitos. Ao final, era feito um “fechamento” da oficina, ou seja, uma avaliação e possíveis reflexões geradas a partir da proposta. (Afonso, 2006).

### *PARTICIPANTES*

Os sujeitos envolvidos na pesquisa são crianças de 6 a 12 anos, que residem na região, no centro de Santos, próximo à região dos cortiços, e frequentaram a ONG Oficina do Futuro no ano de 2010, no período matutino. O grupo variava quanto ao número de participantes, seguindo a frequência das crianças na ONG e possíveis entradas e saídas do projeto.

As oficinas foram realizadas dentro do espaço de tempo em que as crianças estavam na ONG, com o consentimento da instituição e em parceria com a Universidade Federal de São Paulo. O planejamento das atividades de cada oficina foi feito passo a passo, juntamente com a supervisora professora Maria Inês Badaró Moreira, levando em consideração a demanda do grupo, a leitura da oficina anterior, e o que está sendo proposto em cada atividade.



Neste estudo, a análise das oficinas foi feita através da interpretação dos diários de campo referentes a cada encontro (anexo IV), através da teoria ecológica do desenvolvimento humano.

Para a realização desta pesquisa, foram levados em consideração os aspectos éticos envolvidos. Foi com a presidência da instituição sobre o projeto, seus objetivos e foi feito o pedido de autorização para citar o nome da ONG no trabalho (Anexo 1). Em relação às crianças, foi necessária a autorização do responsável e assinatura do Termo de Consentimento (Anexo 2), assim como a autorização da criança através do Termo de Assentimento (anexo 3), em que estava claro que a criança não seria prejudicada caso ela ou o responsável não desejassem a participação na pesquisa.

#### *CENÁRIO:*

##### ***A Associação “TAVMA” - Oficina do Futuro***

Inserida nesse cenário, a Associação TAVMA, fundada em 2002, é uma equipe de voluntários sem vínculo político ou religioso que atua no Bairro Vila Nova, região central de Santos. É mantida por doações, venda dos produtos confeccionados pelas crianças e parcerias.

Atualmente a associação está locada no Mercado Municipal, no piso superior. Conta com quatro espaços em forma de estandes onde realiza as atividades com as crianças. É um espaço restrito, que impossibilita a realização de atividades de corrida.

Apesar das restrições físicas, o Projeto atende 40 crianças e adolescentes, com idades entre 7 e 17 anos, oferecendo atividades educativas e artísticas com o intuito de inserção social e fortalecimento da auto-estima. Dentre os seus objetivos, estão o de

desenvolver habilidades e atitudes éticas, proporcionar condições para a conquista de cidadania, apresentar para as crianças um maior investimento em seu desenvolvimento a longo prazo, com participação em grupos. Dentre as oficinas oferecidas estão: arte em madeira – reciclagem de móveis, ballet, bijuterias, brinquedoteca, capoeira, karatê, leitura, música, papel (machê, reciclado, cartões, origami, pintura com corantes naturais e terra), pintura, reciclagem (retalhos de tecido, papel, fuxico), teatro, yoga, futsal, leitura, educação ambiental, oficina de tecido. (dados: folder distribuído pela ONG, anexo IV).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

### *ANÁLISE DO CONTEXTO: MACROSISTEMA*

Bronfenbrenner (1996) descreveu o que era o sistema macro a partir de valores sociais presentes no cotidiano, inclusive considerando questões de determinada subcultura em especial, em que os sujeitos estão inseridos. No caso dos participantes desta pesquisa, a partir de exploração no território podemos destacar que a realidade vivenciada por essas crianças remete a uma grande diversidade de contextos, histórias e ambientes.

Como já descrito na história do Centro histórico, muitos cômodos habitados hoje são provenientes de casarões, cujos donos mudaram-se devido às condições ruins de higiene geradas pelo aumento da rotatividade do porto. Ao mesmo tempo em que se trata de uma casa que um dia foi luxuosa, hoje se encontram condições ruins de saneamento, de circulação e higiene.

Ao andar pelas ruas, nota-se que houve um planejamento para aquela região, que já foi muito valorizada, com ruas de acesso bem estruturadas e próximas às saídas da cidade e do centro, que ainda hoje apresenta importância na economia local pelo comércio e prédios públicos. A região também conta com diversos serviços de auxílio à população, tanto públicos quanto privados, em vários setores de desenvolvimento social. Ainda assim, chamam a atenção as más condições de moradia em alguns segmentos da região.

É comum encontrar locais em que o cheiro é forte, seja do açougue, da loja de animais, do lixo, do esgoto. Como as distâncias são curtas, frequentemente podem ser vistos carros da classe média que trabalha no centro na mesma rua em que se localizam cortiços que abrigam mais de 10 famílias.

O contexto em que vivem as crianças também era referido ao longo das oficinas, de forma direta, através de seus trabalhos e falas, ou indiretas quando a instituição falava da história da criança, dos pais e da formação familiar. Trata-se do mesmo território descrito acima por Prati e colaboradores (2009), em que a vulnerabilidade pode ser lida como uma pré-condição de adoecimento ou sofrimento psíquico a partir do contexto que envolve violência física, ofensas verbais, moradores de rua, tráfico de drogas, prostituição, que é o que está presente nos entornos do mercado municipal e onde essas crianças residem.

Ao longo do período de estágio, em alguns momentos era possível perceber a manifestação dentro da oficina daquilo que acontecia fora daquele ambiente. Em situações que as crianças se incomodavam umas com as outras, era comum o envolvimento de agressões física e verbal, relatando questões como: cor da pele, do cabelo afrodescendente, insinuando que a menina faria parte da prostituição como a sua mãe, entre outros. Também estava presente um discurso de autoridade muito forte, as

crianças diziam uma para outra que apanharia dos responsáveis se continuasse agindo daquela forma, e em alguns relatos, estavam envolvidas falas como “*se você não melhorar, vão te mandar para o orfanato ou para o colégio interno*”.

#### EXOSISTEMA:

O exossistema, para a teoria ecológica (Bronfenbrenner, 1996) envolve os ambientes que apresentam participação indireta do sujeito. Trata-se de uma interlocução entre outros sistemas menores que apresentam interferências em algumas situações cotidianas.

Para os participantes desta pesquisa, esta classificação refere-se à rede de apoio social existente na região, que conta com diversos serviços de atendimento a população, organizações não governamentais e também órgãos públicos.

Percebe-se que muitos dos serviços oferecidos seguem uma lógica assistencialista, em que grande parte dos recursos oferecidos às instituições são repassados à população através de doações de objetos, como cesta básica, utensílios de higiene, roupas, e nos discursos de trabalhadores é possível encontrar falas que se remetem a distribuição de dinheiro em algumas instituições.

A associação TAVMA não realiza o seu trabalho dessa forma, e coloca que algumas vezes recebe queixas por “não dar nada que as crianças possam levar para a casa”. Na fala da instituição, esse discurso é recorrente, principalmente no que se refere ao cumprimento das normas da instituição por parte dos pais ou responsáveis pelas crianças. Estão presentes queixas em relação aos horários, a frequência, ao uso de uniforme, e as reclamações dos responsáveis por conta disso. Segundo a fala de uma das

funcionárias, algumas crianças continuam frequentando a instituição porque gostam, já que não há comprometimento com a proposta por parte de alguns dos responsáveis.

Como descrito acima por Araujo e Ferreira (S.d.), é possível encontrar em alguns discursos das instituições que oferecem serviço a esta população falas com um sentido pejorativo em relação aos cortiços, com uma culpabilização da família por ter determinado tipo de comportamento, o qual se manifesta indiretamente em algumas práticas. Em alguns relatos, o discurso da instituição trazia referências aos trajes de algumas mães e responsáveis, a relação de abandono ou da falta de dedicação para a educação dos filhos, o uso de drogas, a rotação de parceiros, e o quanto isso gerava problemas no desenvolvimento das crianças.

#### MESOSISTEMA:

Para a teoria ecológica, o mesosistema se caracteriza nas ligações entre ambientes nos quais os sujeitos em desenvolvimento estão presentes (Bronfenbrenner, 1996). Nesse sentido, quando pensamos nos participantes desta pesquisa e sua intensa relação com o território, nota-se que eles fazem parte de uma rede densa e muito entrelaçada, composta por relações que se manifestam em vários retratos do seu cotidiano. Muitas vezes, as crianças que fazem parte do mesmo turno na Oficina do Futuro são vizinhas, frequentam a mesma escola, a mesma pracinha aos finais de semana e as famílias tem origens e histórias muito parecidas, com personagens em comum.

### *Vizinhança*

Um ponto muito interessante presente nesses bairros é o fato da extensão das famílias. Como descrito acima, forma-se uma rede familiar muito próxima e densa para que a população consiga se fortalecer e ter aonde se apoiar em casos de maiores dificuldades, como alimentação e moradia. Ao mesmo tempo, devido ao espaço restrito e às diversas vidas envolvidas, em algumas situações tanto o amor quanto o ódio são manifestados de forma que o bairro todo sabe do que se trata. É mais fácil visualizar as situações negativas pela intensidade com que surgem, entretanto forma-se uma rede de apoio solidária e vasta nessas regiões que não se encontra em outros segmentos da população. Muito da intensidade das relações e de alguns conteúdos agressivos eram manifestados ao longo da oficina pelas crianças, possivelmente por esse ser um dos poucos espaços que permitia.

Além disso, as crianças manifestavam em seus desenhos a vizinhança e casas que gostariam de ter.

**FIGURA 2: REPRESENTAÇÃO DE CASAS EM OFICINA**



(Desenho feito por A., em uma oficina em que foi proposto o desenho de uma casa. Nota-se que houve uma riqueza de detalhes na vizinhança, a grande quantidade de janelas nas casas, jardins e comércio local).

Levando-se em consideração que muitas habitavam residências de um ou dois cômodos, com banheiros coletivos e ambientes escuros, elas retratavam casas muito grandes, e com quartos individuais para cada morador. Ainda assim, a proposta era a de desenhar uma casa, e estava incorporada à concepção de moradia da criança a vizinhança. Ou seja, mesmo no seu ideal de moradia, ela gostaria de se manter vinculada a rede social presente na sua vida atualmente.

Ao brincar de “casinha”, os ambientes eram todos bem divididos, espaçados, e incluíam também uma família em que cada um tinha o seu espaço.

### *Contexto escolar*

Ao entrar em contato com algumas escolas da região, é possível perceber a série de dificuldades que funcionários, professores e coordenadores pedagógicos apresentam. Pelo fato de estar diretamente ligada à população, diariamente passa pelo ambiente escolar diversas outras demandas que não tem ligação direta com a aprendizagem, como problemas de higiene, marcas de negligência por parte da família, agressões físicas, entre outros. A muitos deles não foi oferecido um preparo para lidar com essas situações nem um espaço de acolhimento, tornando o ambiente de trabalho e suas demandas excessivas em algumas situações.

Outra dificuldade encontrada é na quantidade de profissionais responsáveis, já que algumas escolas apresentam um número de estudantes superior ao que o corpo docente e os demais funcionários conseguem lidar. Dessa forma, os intervalos se tornam espaços enrijecidos, para que os poucos inspetores presentes consigam manter-se responsáveis. Em alguns períodos, nota-se que havia um grande número de aulas vagas por conta do adoecimento de professores, além do fato de não se conseguir direcionar a educação para o aluno devido às diversas dificuldades encontradas. Como a escola possui poucos recursos para demandas individuais, muitas crianças são encaminhadas aos serviços de saúde mental infantil, no caso da região o Centro de Valorização da Criança, com queixas de mau comportamento e dificuldades de aprendizagem.

A educação infantil se mostra presente em todos os sistemas e de grande influência no desenvolvimento. O microssistema escolar aparecia em algumas falas das



crianças, e inclusive em algumas encenações. Percebemos que alguns dos comportamentos que eram esperados das crianças na escola eram repetidos na ONG, como, por exemplo, chamar as estagiárias de “tias” e “senhora” ao invés de você. Em relatos individuais, a maioria das crianças se queixava da escola, do quanto ela se mostrava punitiva, disciplinadora e não acompanhava as dificuldades de aprendizagem. Ao mesmo tempo, surgiam falas sobre os amigos que eles faziam na escola, as brincadeiras que eram realizadas, aulas preferidas, professoras que eram mais atenciosas, dias em que a merenda era boa, mostrando que a escola também se constituía como um ambiente agradável e que fornece vários subsídios para os processos proximais e a aquisição de competências.

#### MICROSISTEMA:

Trata-se para a teoria ecológica como o sistema mais próximo das vivências cotidianas, onde se estabelecem as relações diárias e a longo prazo. Para Bronfenbrenner e Ceci (1994), o que desencadeia o desenvolvimento é o que ele intitula de *processos proximais*, que considera as interações entre aspectos físicos, sociais e simbólicos do ambiente. Dessa maneira, considera-se que os processos proximais levam à aquisição de novas habilidade, através de propostas de atividades que: envolvam o sujeito em desenvolvimento, frequência e regularidade na realização da atividade, a complexidade progressivamente mais complexa, que estejam presentes relações recíprocas e atividades, objetos e símbolos presentes na interação que despertem a curiosidade e a capacidade de exploração do sujeito. (Bronfenbrenner, 1999).

Tendo em vista o referencial teórico proposto, a organização Oficina do Futuro mostra-se uma transição entre meso e microsistema, sendo que é favorável ao

desenvolvimento das crianças que a frequentam. Trata-se de um ambiente diferenciado do entorno aos quais as crianças estão inseridas, oferecendo atividades voltadas para a sua faixa etária, que aumentam a complexidade à medida que a criança se desenvolve, além de oferecer diversas práticas culturais diferenciadas e a valorização de propostas coletivas, de solidariedade e comprometimento com o futuro.

A instituição mostra-se um ambiente limpo, organizado e com objetos e decorações voltados para as crianças, o que já faz com que elas se sintam acolhidas e valorizadas. Os cuidados oferecidos são variados, desde a restrição do número de crianças que podem ser atendidas no projeto, a oferta de uma alimentação saudável, o acompanhamento do reforço escolar, entre outros.

No contexto de vulnerabilidade social, que permeia os entornos e o cotidiano das crianças, ela se mostra como um possível fator de proteção, além de ofertar outras possibilidades e potências. As crianças têm as condições necessárias para estabelecer processos proximais e comportamentos que não fazem parte dos outros sistemas em que estão inseridas.

Ao longo do estágio, no final de cada oficina, as crianças relatavam que gostaram do lanche e da presença das “tias” (cuidadoras). Faziam diversas cartas demonstrando carinho para a responsável pela instituição, contavam com entusiasmo sobre as apresentações que faziam dos trabalhos feitos ao longo da semana, além de gostarem muito da música da ONG.

Um dos núcleos apontados na teoria ecológica pertencente ao microsistema é o familiar. Entende-se nesta abordagem que é um dos principais núcleos envolvidos no desenvolvimento, principalmente quanto aos processos proximais. Entretanto, quando

associado ao contexto de vulnerabilidade, nota-se que criam-se outras formas de se estabelecer uma família. Em alguns núcleos, estão presentes configurações familiares diversas, como a ausência de um dos progenitores, a criança ser criada por outro parente que não os pais, serem filhos de figura paterna distinta, entre outras. Cabe aqui um olhar mais atento aos preconceitos e concepções familiares que provem de outros contextos e outras formas de interação com a realidade, já que diversas vezes se parte de uma concepção de família ideal que não se manifesta em relações humanas e cotidianas. Não necessariamente tais configurações trazem conflitos ou problemas no desenvolvimento desses sujeitos, e em alguns casos, chegam até a ser potencializadores ricos.

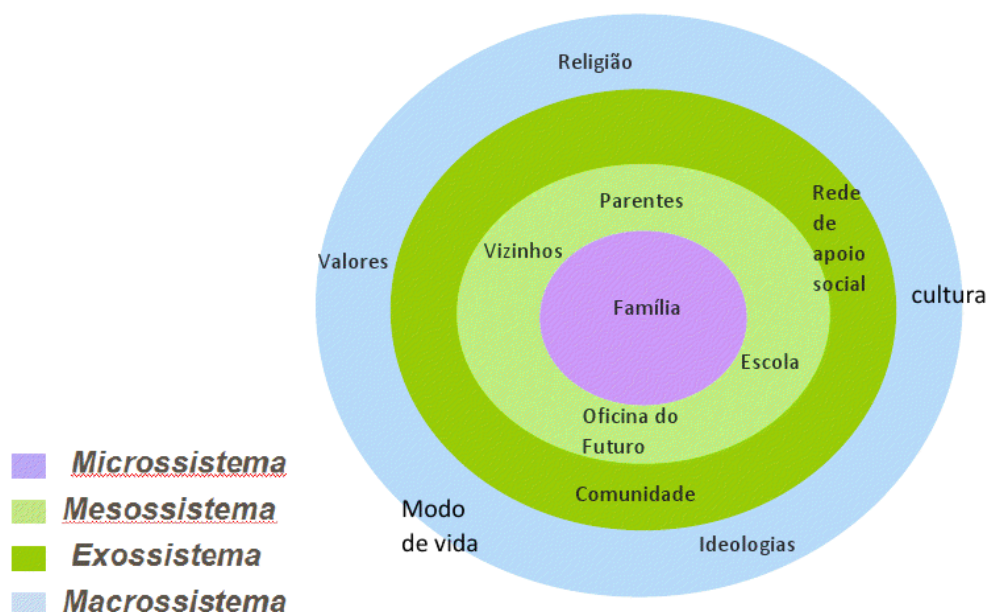
Dentro do grupo formado, existiam alguns irmãos e relações entre as crianças muito próximas, como primos e vizinhos. Era comum perceber que crianças mais velhas se ofereciam para ajudar as mais novas nas atividades, sendo que em alguns momentos os mais velhos tinham dificuldade em deixar que o irmão ou a criança mais nova fizesse seu trabalho sozinho e as estagiárias intervinham. Isso é resultado de uma dinâmica do contexto em que estão inseridas, já que muitos irmãos mais velhos são responsáveis pelos cuidados com os mais novos.

Era comum perceber que o espaço para a infância em alguns núcleos era diferente do que se espera socialmente. As crianças assumiam responsabilidades como cuidados dos irmãos e da casa, o que mostra que a ONG assume um papel importante quanto ao estímulo de manifestações individuais e investimentos em outros aspectos da vida das crianças, como o cognitivo.

Apareciam ao longo das oficinas alguns relatos das figuras dos pais, sendo que algumas das representações indicavam violência, com agressões verbais, cicatrizes,

queimaduras, marcas de maus tratos. Outros eram vistos pelas crianças como ausentes, negligentes, que não dava a atenção que os filhos desejavam. Ainda assim, as crianças manifestavam afetos e formas de se relacionar com os pais que iam além dessas questões, como quando contavam com alegria que os pais estavam na apresentação que eles realizaram, que gostaria de trabalhar e ter uma casa em que a mãe tenha o próprio quarto.

**FIGURA 3: REPRESENTAÇÃO DOS SISTEMAS ECOLÓGICOS ENVOLVIDOS COM OS PARTICIPANTES DESTA PESQUISA**



Ao final dessa análise cabe ressaltar que este trabalho foi uma tentativa de aproximação de uma teoria da Psicologia a intervenção com crianças em situação de

vulnerabilidade. Trata-se apenas de uma possível leitura da situação, de um olhar sobre ela, e por isso mesmo incapaz de apreendê-lo totalmente. Sobre a Teoria Ecológica, trata-se de uma concepção relativamente nova, que ainda está pouco envolvida com a prática. Dentre as referências sobre o que tem sido feito no Brasil, não há trabalhos realizados com um grupo de crianças através dessa leitura, ficando essa sugestão a partir deste trabalho apresentado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É recorrente e bem difundida a ideia de Psicologia como uma possibilidade de cuidado em situações de vulnerabilidade social. Academicamente, várias são as concepções e leituras sobre isso, desde a forma mais abrangente, como uma questão mundial e econômica, até as mais direcionadas, como propostas de intervenção para determinado grupo, discriminado por faixa etária, local onde mora e alguma queixa manifesta.

Entretanto, várias vezes me perguntei sobre como seria a atuação com crianças que vivem neste contexto. Como se vestir, falar, se locomover, o que esperar, o que não esperar, como me comportar diante delas enquanto atuo diretamente nas suas experiências. Para o psicólogo, mesmo que em formação, a prática no território é muito mais intensa, já que as situações não são apenas descritas pelos sujeitos, elas transbordam no “setting”. Perdemos o nosso conforto de se atender em um espaço neutro, em que a vida e as relações ficam do lado de fora e aparecem em discursos, manifestações inconscientes, brincadeiras. Passamos a ser sujeitos ali, juntamente com o outro, e automaticamente nos questionamos sobre como nós mesmos habitamos nossas casas, nossa vizinhança, como são as nossas relações.

Apesar de ter participado de um projeto de extensão com crianças que moram em cortiços e em grupo anteriormente a ONG, a experiência que tive foi totalmente nova. Cheguei com menos preconceitos do que tinha quando me aproximei da extensão, mas ao mesmo tempo ainda carregava comigo rótulos. Considerava a vulnerabilidade do seu entorno como fragilidade, e achava que eu e as demais estagiárias tínhamos a missão de melhorar um pouco a vida sofrida daquelas crianças.

Aos poucos, fomos nos conhecendo, nos aproximando, e os estranhamentos não eram mais tão comuns. Vi o resgate da minha infância sendo feito em cada oficina, em cada brincadeira que eu me divertia junto com eles, e o quanto podíamos resignificar coisas vividas em momentos e contextos diferentes juntos.

Me afetei em diversos momentos, levei aquelas questões e experiências para a minha casa, a minha terapia, que a princípio não tinha nada a ver com aquele contexto. Me incomodava com o quanto a minha sensibilidade se manifestava algumas vezes, até perceber que em determinados momentos ela escaparia do meu controle, justamente por estar envolvida com outras sensibilidades. Por mais que se queira uma prática baseada teoricamente, em algumas situações a Psicologia assume um papel de ciência que não é pura, já que os afetos não são.

Nesse sentido, a prática em contextos de vulnerabilidade e com crianças só fez sentido para mim quando eu me vi como sujeito que se afeta, que também está vulnerável e que também teve infância. Com contextos e experiências muito distintas, porém alguém que transita pelo mundo e pelos espaços, que vive, arrisca e comete erros, e isso se torna algo que leva a condição de vulnerável.

*“Procurando bem  
Todo mundo tem pereba  
Marca de bexiga ou vacina  
E tem piriri, tem lombriga, tem ameba  
Só a bailarina que não tem  
E não tem coceira  
Verruga nem frieira  
Nem falta de maneira  
Ela não tem*

*Futucando bem  
Todo mundo tem piolho  
Ou tem cheiro de creolina  
Todo mundo tem um irmão meio zarolho  
Só a bailarina que não tem  
Nem unha encardida  
Nem dente com comida  
Nem casca de ferida  
Ela não tem*

*Não livra ninguém  
Todo mundo tem remela  
Quando acorda às seis da matina  
Teve escarlatina  
Ou tem febre amarela  
Só a bailarina que não tem  
Medo de subir, gente  
Medo de cair, gente  
Medo de vertigem  
Quem não tem*

*Confessando bem  
Todo mundo faz pecado  
Logo assim que a missa termina  
Todo mundo tem um primeiro namorado  
Só a bailarina que não tem  
Sujo atrás da orelha  
Bigode de groselha  
Calcinha um pouco velha  
Ela não tem*

*O padre também  
Pode até ficar vermelho  
Se o vento levanta a batina  
Reparando bem, todo mundo tem pentelho  
Só a bailarina que não tem  
Sala sem mobília  
Goteira na vasilha  
Problema na família  
Quem não tem*

*Procurando bem  
Todo mundo tem...”*

### **Ciranda da Bailarina (Chico Buarque, 1983)**

Considero a prática nesta área como algo que busca trazer à tona aquilo que não está evidente. O impacto com o bairro cheio de cortiços, com tráfico de drogas, prostituição é forte e é bom que seja em partes. Mas que se crie olhos, ouvidos e sentidos mais minuciosos para as diversas outras manifestações de força, de subjetividade e beleza dentro daqueles espaços. Ainda que tivessem momentos de

bailarinas, com toda a delicadeza do figuro e a coreografia, elas mostravam que sabiam movimentos muito mais sutis e adaptados ali fora.

Resgato aqui um dos encontros de quando estávamos próximo do fechamento, em que o grupo fez uma releitura do psicodrama, que foi realizado nas oficinas anteriores, e encenaram uma de nossas oficinas, sendo três crianças representaram “tias” e as outras atuaram como crianças da ONG. As crianças que eram referência estavam conduzindo o grupo, a atividade era feita em conjunto e todos estavam envolvidos, sendo uma experiência positiva para ambos os lados. Na encenação, as crianças demonstraram que tinham adquirido novos comportamentos, que envolviam autonomia, cooperação, e demonstração de afetos.

Depois de assimilar o que foi representado, notamos o quanto aquele trabalho foi rico e se aproximou do que nos esforçamos para repassar as crianças. Chamamos a atenção várias vezes para que deixassem o colega falar, para que eles soubessem guardar as coisas no lugar, para que fizessem as coisas juntos. E foi isso o que foi apontado ali, de um jeito simples e encantador que só crianças cheias de potência e vida conseguem manifestar.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AFONSO, M. L. M. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo (1ª edição: Edições do Campo Social, Belo Horizonte, 2000). (2006).

ARAUJO, L. O. G., Pereira, M. S. **A vida nos cortiços: o cômodo e o incômodo panorama do atendimento habitacional no centro de Santos**. Disponível em: <<http://www.cibs.cbciss.org/arquivos/A%20VIDA%20NOS%20CORTICOS%20-%20O%20COMODO%20E%20O%20INCOMODO.pdf>> Acesso em 02/02/2011.

BRONFENBRENNER U. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (Original publicado em 1979)

BRONFENBRENNER U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre, Artmed. 2001.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. **The ecology of developmental processes**. In: **DAMON, W.; LERNER, R. M. (Orgs.)**. Handbook of child psychology, Vol. 1: Theoretical models of human development. New York: John Wiley, 1998. p. 993-1028.

BRONFENBRENNER, U. (1999). **Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models**. Em B. L. Friedmann & T. D. Wachs (Orgs.), Conceptualization and assessment of environment across the life span (pp. 3-30). Washington, DC: American Psychological Association.

BRONFENBRENNER, U. & CECI, S. J. (1994). **Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model**. Psychological Review, 101, 568-586.

BUARQUE, CHICO. **Ciranda da Bailarina**. O grande Circo Místico, 1982.

CASTRO, M. A. **Ecologia: a cultura como habitação**. Em Soares, A. (Org). Ecologia e Literatura (pp.13-33). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1992.

KOLLER, S. **Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2004.

GOLDBERG L.G., YUNES M.A., FREITAS, J.V. . **O desenho infantil na ótica do desenvolvimento humano**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005

HADDAD, L. **A ecologia do atendimento infantil: construindo um modelo de sistema unificado de cuidado e educação.** Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, USP, São Paulo. 1997.

MICHELETTI, F. A. B. O et al. **As Manifestações da Pobreza em Cortiços da Região Central de Santos.** Disponível em:  
<http://www.ssrevista.uel.br/pdf/2009/24%20As%20manifestações%20da%20pobreza%20em%20cortiços.pdf>> Acesso em 02/02/2011.

(<http://www.vivasantos.com.br/01/01a.htm>) – acessado em 02/02/2011

<http://www.portal.santos.sp.gov.br/alegra/index.htm> - acessado em 28/09/2011

<http://www.santos.sp.gov.br/planejamento/habitacao/downloads/plano.pdf> - acessado em 28/09/2011

PRATI, L. E.; COUTO, M. C. P. , KOLLER, S. H.. **Famílias em Vulnerabilidade Social: Rastreamento de Termos Utilizados por Terapeutas de Família.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 25 n. 3, pp. 403-408, Jul-Set 2009.

PESCE R. P., ASSIS, S. G., SANTOS, N. C., & CARVALHAES, R. (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 135-143.

REDAÇÃO. Cortiços: o tamanho do problema. *A Tribuna*. Santos, 21 de agosto de 2002.

REDAÇÃO. Pesquisa aponta a realidade de quem habita os cortiços. *A Tribuna*. Santos, 6 de nov de 2002.

SELIGMAN, MARTIN, E.P. **Authentic Happiness: Using the New Positive Psychology to Realize Your Potential for Lasting Fulfillment.** Nova York: Free Press. p. 275, 2002.

YOUNG, A. F. **Transformações socioespaciais da baixada santista: identificação das desigualdades e vulnerabilidades socioambientais através do uso de Geotecnologias.** Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp, 2008.

YUNES, M. A. M., Miranda, A. T. E, Cuello. Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. Em: S. H. K. (Org.), *Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenções no Brasil*. Casa do Psicólogo, São Paulo. 2004.

## ANEXO I

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Título da pesquisa: A prática de oficinas psicossociais com crianças em situação de vulnerabilidade através da abordagem ecológica do desenvolvimento humano

Solicito seu consentimento para a participação do seu filho, de idade entre 6 e 14 anos, na pesquisa intitulada *A prática de oficinas psicossociais com crianças em situação de vulnerabilidade através da abordagem ecológica do desenvolvimento humano*, um estudo realizado pela professora Maria Inês B. Moreira, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). O objetivo do estudo é analisar o desenvolvimento de crianças em situação de vulnerabilidade social através de oficinas. Para tanto os sujeitos serão submetidos a oficinas psicossociais realizadas dentro do cronograma da ONG – Oficina do Futuro. Entendemos por oficinas psicossociais trabalhos que envolvem técnicas de relaxamento, expressão corporal (dança), alongamento, atividades de imaginação, dinâmica de recreação, brincadeiras com função de propiciar maior bem estar e consciência corporal. O estudo não acarreta riscos ou prejuízos, apenas podendo causar algum desconforto emocional. A(s) criança(s) pode(m) desistir da participação na pesquisa em qualquer momento da realização. Não há benefício direto para os participantes e garantimos o sigilo de seu(s) nome(s). As informações obtidas serão transcritas e analisadas pela responsável pela pesquisa, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Você(s) também tem (êm) direito de ser(em) atualizado(s) sobre os resultados parciais dessa pesquisa, ou de resultados que sejam do conhecimento do pesquisador. Não há despesas ou compensações financeiras nem de qualquer outra espécie para os participantes em qualquer fase do estudo. Em qualquer etapa do estudo, você(s) pode(m) ter acesso a orientadora da pesquisa, a Profa. Maria Inês Badaró Moreira que podem ser encontrados no endereço Av. Ana Costa, 95, Vila Mathias, telefone(s) 32218058 ou pelos e-mail: mibadaro@gmail.com. Se você(s) tiver(em) alguma consideração ou

dúvida sobre a ética da pesquisa, entre(m) em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), Rua Botucatu, 572, 1º andar, cj 14, telefone (11) 5571-1062, e-mail: cepunifesp@epm.br.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo *A prática de oficinas psicossociais com crianças em situação de vulnerabilidade através da abordagem ecológica do desenvolvimento humano*.

Eu discuti com o pesquisador sobre a minha decisão em autorizar a participação de meu filho nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus possíveis desconfortos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação de meu filho é isenta de despesas. Concordo que meu filho participe deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício.

Assinatura do pai/responsável:

Data     /     /

---

Declaro que obtive o consentimento livre esclarecido desta  
pessoa para participar neste estudo.

---

Assinatura do responsável pelo estudo

Data     /     /

## ANEXO II

### CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Título da pesquisa: A prática de oficinas psicossociais com crianças em situação de vulnerabilidade através da abordagem ecológica do desenvolvimento humano

Solicito o consentimento da instituição associação TAVMA – oficina do futuro para citação do nome da ONG e espaço físico para a realização da pesquisa intitulada: *A prática de oficinas psicossociais com crianças em situação de vulnerabilidade através da abordagem ecológica do desenvolvimento humano*, um estudo realizado pela professora Maria Inês B. Moreira da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). O objetivo do estudo é analisar o desenvolvimento de crianças em situação de vulnerabilidade social através de oficinas. Para tanto os sujeitos serão submetidos a oficinas psicossociais realizadas dentro do cronograma da ONG. Entendemos por oficinas psicossociais trabalhos que envolvem técnicas de relaxamento, expressão corporal (dança), alongamento, atividades de imaginação, dinâmica de recreação, atividades físicas, brincadeiras com função de propiciar maior bem estar e consciência corporal. O estudo não acarreta riscos ou prejuízos, nem pode causar desconforto emocional. A(s) criança(s) pode(m) desistir da participação na pesquisa em qualquer momento da realização. Não há benefício direto para os participantes e garantimos o sigilo de seu(s) nome(s). As informações obtidas serão transcritas pelo responsável pela pesquisa, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Você(s) também tem (êm) direito de ser(em) atualizado(s) sobre os resultados parciais dessa pesquisa, ou de resultados que sejam do conhecimento do pesquisador. Não há despesas ou compensações financeiras nem de qualquer outra espécie para os participantes em qualquer fase do estudo. Em qualquer etapa do estudo, você(s) pode(m) ter acesso a orientadora da pesquisa, Profa. Maria Inês Badaró Moreira que pode ser encontrada no endereço Av. Ana Costa, 95, Vila Mathias, telefone(s) 32218058 ou pelo e-mail: mibadaro@gmail.com. Se você(s) tiver(em) alguma consideração ou dúvida sobre a

ética da pesquisa, entre(m) em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), Rua Botucatu, 572, 1º andar, cj 14, telefone (11) 5571-1062, e-mail: cepunifesp@epm.br.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo *A prática de oficinas psicossociais com crianças em situação de vulnerabilidade através da abordagem ecológica do desenvolvimento humano*. Eu discuti com o pesquisador sobre a minha decisão em autorizar a realização do estudo no espaço físico e na rotina da ONG. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus possíveis desconfortos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação é isenta de despesas.

Assinatura do representante legal:

Data        /        /

---

Declaro que tive a autorização da responsável legal da instituição para participar neste estudo.

---

Assinatura do responsável pelo estudo

Data        /        /

### ANEXO III

#### TERMO DE ASSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Título da pesquisa: A prática de oficinas psicossociais com crianças em situação de vulnerabilidade através da abordagem ecológica do desenvolvimento humano

Você está sendo convidado (a) para participar de uma pesquisa chamada “*A prática de oficinas psicossociais com crianças em situação de vulnerabilidade através da abordagem ecológica do desenvolvimento humano*”. Seus pais/ responsáveis já deram autorização para isso.

Nessa pesquisa estamos estudando atividades feitas nas oficinas da ONG Oficina do Futuro, que você frequenta. O seu nome e os trabalhos feitos por você na oficina não serão identificados. Você pode desistir de participar da pesquisa em qualquer momento.

Se você quiser saber mais sobre a pesquisa, você pode procurar a Professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) Dra. Maria Inês Badaró Moreira (telefone 32218058 ou pelo e-mail: [mibadaro@gmail.com](mailto:mibadaro@gmail.com)) e também com a estudante do curso de Psicologia Rayssa Nassif ([rayssa.y.nassif@gmail.com](mailto:rayssa.y.nassif@gmail.com)).

Nome da criança/ adolescente:

Assinatura (se possível):

Data:

Declaro que obtive o assentimento desta pessoa para participar neste estudo.

---

Assinatura do responsável pelo estudo

Data        /        /

## ANEXO IV: DIÁRIOS DE CAMPO

### *23 de Fevereiro:*

Fizemos a primeira visita a ONG juntamente com outras estagiárias de Nutrição e Terapia Ocupacional. A primeira impressão que tive foi a de um lugar muito bem cuidado e limpo, diferente do contexto em que está inserido (Centro).

Fomos apresentadas a S. e a K., responsáveis pela ONG, que nos deram várias recomendações e se mostraram abertas e disponíveis para nosso trabalho. Elas nos contaram as diversas oficinas que estão presentes na ONG, como música, pintura, balé, teatro, educação ambiental, etiqueta e também reforços escolares.

S., que é uma das fundadoras da ONG, nos contou um pouco da história e princípios da instituição. Trata-se de uma proposta sociocultural e educativa, que tem como princípio fornecer as crianças educação e posturas que cabem em diversos ambientes, inclusive aqueles que elas não estão habituadas e os que irão aparecer no futuro. K. contou sua formação no “Amigos do ZIPPY” e a sua atuação. Através de histórias, o Zippy ajuda as crianças a perceber os seus sentimentos, distingui-los e ensina maneiras de se lidar com eles.

### *1 de março:*

Para a primeira oficina, planejamos duas atividades, um sociodrama e um teatro. O intuito era de conhecer o espaço e as crianças, além de nos apresentarmos. Neste dia, Júlia do 5 ano e que realizou o estágio básico na ONG no ano passado fez parte do grupo, que nos ajudou com o entrosamento com as crianças e com a condução da oficina.

Nos encontramos no piso inferior e subimos com a Júlia, que foi reconhecida e recebida com muito carinho por algumas crianças. Havia em torno de 10 crianças, que estavam terminando o café da manhã. Depois do café, pedimos a colaboração das crianças para colocar o tapete de EVA e assim poder iniciar as atividades. Todas ajudaram e se mostraram muito familiarizadas com Julia, o que nos inibiu um pouco. A. perguntou o nome de cada uma das novas "tias" e fez questão de nos cumprimentar com beijo no rosto.

Nos apresentamos e falamos a atividade, que não foi bem recebida pelas crianças que queriam algo “mais agitado”, o que é difícil de ser realizado devido ao pouco espaço na ONG.

Colocamos as seguintes questões para o sociodrama:

- . IDADE (até 10 anos, de 11 a 15 anos ou acima de 15 anos)
- . TEMPO NA ONG (está no primeiro ano, 2 a 3 anos, 4 anos ou mais)
- . ESTUDA? (sim ou não)
- . ONDE MORA? ( perto da ONG e longe da ONG)
- . TEM IRMÃOS? (não, se um a três, mais que três)
- . GOSTA DE ESPORTES? (sim ou não)
- . TIME (Santos, Corinthians, palmeiras)
- . ONDE NASCEU? (Santos ou Outro)
- . SEMPRE MOROU NO CENTRO? (sim, não)



- . TEM NAMORADA(O)? (sim não)
- . JÁ TEVE QUANTAS NAMORADAS(O)?
- . O QUE GOSTA DE LER? (gibis, livros, revistas, jornais)
- . MORA COM QUANTAS PESSOAS? (1 a 3, 4 a 6 e mais de 6 anos).
- . GOSTA MAIS DE QUE MATÉRIA ESCOLAR? (português, matemática ciências, estudos sociais, outro)
- . UTILIZA A INTERNET? (sim ou não)
- . PARA QUÊ? (estudar, acessar Orkut, msn).
- . EM QUE SÉRIE ESTÃO?
- . QUEM JÁ PARTICIPOU DE OUTRO PROJETO?

Percebi que elas não estavam interessadas nas questões, talvez pelo fato de não ter algo visual ou mais lúdico envolvido, além de terem crianças menores, que ainda não possuem o raciocínio abstrato totalmente desenvolvido. Também já houveram algumas discussões, voltadas principalmente para V., que tem um comportamento agressivo e quer muita atenção do grupo.

Em seguida para realizar o teatro dividimos as crianças em 3 grupos. O grupo 1 faria sobre como era quando ainda não estava participando da ONG, o grupo 2 faria sobre como está sendo participar da ONG e o grupo 3 sobre como esperam que será quando saírem da ONG.

O primeiro grupo, composto por V. e E., foi acompanhado por Crislaine e teve discussões de E. e V., que não queria participar da atividade e ofendeu E. falando sobre a casa dela. E. começou a chorar, saiu de perto dos demais e não queria falar sobre o assunto.

O segundo grupo, que eu participei, teve dificuldades para pensar algo em conjunto sobre o que eles realizam na ONG. O grupo era composto por B, C e L. Tive dificuldades em entender a fala de B, e percebi que ele falava muito pouco e baixo, tendo que ser estimulado para isso. C. se mostrou triste e muito contida, com dificuldades para se pronunciar e sem paciência com os outros dois. L. pareceu ter dificuldade em criar uma linha de raciocínio, o que fazia com que os outros dispersassem. Eu sugeri que eles cantassem uma música ou fizessem algo que já tivesse sido realizado anteriormente. Eles sugeriram a música da “Oficina do Futuro”. C. se mostrou muito resistente, com muita vergonha de se apresentar para os demais.

O terceiro grupo, acompanhado por Suane, era composto com M. e A.. As meninas fizeram uma mímica para representar o futuro e se mostraram muito dedicadas a atividade.

Durante as apresentações, V. quis participar em todos os grupos e ficava incomodada quando um dos colegas tirava o foco dela. As crianças se mostraram muito irritadas com o comportamento dela.

Após isso, sobrou muito tempo livre e não sabíamos o que fazer com as crianças. Elas começaram a brincar com o que queriam, mas isso gerou muitas brigas e agressões físicas. Fiquei um pouco angustiada neste momento por não saber o que fazer além de tentar impedir brigas.

No fim, fizemos uma roda e S. fez o fechamento das atividades, rezando e perguntando a cada um o que achou que foi bom e o que achou que pode melhorar. Muitas crianças reclamaram do comportamento das outras.

*8 de março:*

Iniciamos a atividade com um relaxamento, liderado por Crislaine, pedindo para que eles imaginassem uma praia, que estavam caminhando tranquilamente e relaxando. As crianças aderiram ao relaxamento, apesar do começo agitado e barulhento.

C se mostrou muito resistente para deitar no tapete, e me disse que tinha vergonha por causa da sua roupa. Eu tentei ajuda-la, arrumando a parte da blusa que aparecia seu sutiã e deitei ao lado dela. Ela se sentiu mais a vontade depois disso, mas com alguma resistência em fazer o relaxamento.

Depois propomos que eles desenhassem o que quisessem no papel Kraft. Muitos desenharam casas, todas com um quarto individual para cada um, o que me chamou muito a atenção. V desenhou uma casa muito grande, que mal cabia no espaço, mas não quis pintar apesar da minha insistência. V ainda quis rasgar o desenho, mostrando-se com raiva, mas não rasgou. E tinha grandes dificuldades em fazer seu desenho e também de colori-lo. O traço era fraco e tivemos que insistir muito para que ela o fizesse.

Em seguida dividimos as crianças pela idade, V quis ficar com o grupo de crianças mais novas. Ela participou um pouco, e depois saiu e foi brincar de “casinha” sozinha. Isso fez com que outras crianças quisessem e dispersou um pouco o grupo.

Quando estavam construindo a história, V foi brincar de ‘casinha’. Ela mostrou-se muito organizada, com muito cuidado com a sua casa, chegando até a varrer. Depois ela convidou as tias para visita-la, dizendo que tinha acabado de se mudar e que ia fazer um café. Mostrou-se muito agressiva quando outras crianças queriam ocupar aquele espaço ou pegar coisas que ela tinha denominado dela.

Quando fomos embora, notei que C ficou sentada em silêncio, esperando por sua mãe. Tinha uma expressão triste e não recebeu tchau das outras crianças.

### *15 de março*

Neste dia, iniciamos com uma roda para apresentar a Lia ao grupo e cada um se apresentou novamente. Aproveitamos para retomar alguns “combinados”. Logo percebemos a ausência de V.

Depois fizemos um relaxamento, que foi conduzido por Suane, e que teve uma boa adesão. Iniciamos a atividade da massinha e vimos que eles gostavam muito deste tipo de atividade manual, e também do fato de cada um ter a sua própria caixa de massinha.

Pedimos que eles fizessem bonecos deles mesmos, mas muitos não quiseram fazer de início. Os maiores apresentaram menos resistências e aos poucos todos aderiram e fizeram um boneco.

J várias vezes insultou os colegas e seus trabalhos, mas também demonstrava uma necessidade de aprovação das tias para o seu trabalho e insegurança. Ele fez um boneco grudado ao jornal e magro.

C quis muito a atenção de Lia, e lhe fez várias perguntas sobre a sua etnia (japonesa). Tinha dificuldade em usar as cores, dizia que o seu boneco e outros objetos eram feios e queria destruí-los. Várias vezes pediu para amassar e guardar a massinha.

E não conseguiu elaborar um objeto de massinha, sendo que começou vários mas não dava continuidade. Queria muito a atenção de T, principalmente quando ele conversava com D.

S fez um boneco com muitos detalhes, depois construiu uma caverna e o colocou lá dentro.

B fez vários bonecos, mas os desfazia e no fim ficou apenas com um. Também fez amiguinhos para os bonecos em forma de objetos e com a mistura de várias cores de massinha.

Ao se despedir, C me pediu desculpas, mesmo que ela não tivesse feito nada.

*22 de março*

Julia iniciou com um relaxamento, em que as crianças deveriam imaginar a natureza e escolherem um bicho para elas serem. Em seguida, cada um fez um desenho de um bicho que gostaria de ser e um que não gostaria de ser.

A atividade foi tranqüila, todos estavam calmos. C apresentou dificuldades em desenhar o animal que ela gostaria de ser, e não sabia dizer os motivos disso. O que ela gostava, ela desenhou um coelho, provavelmente com a proximidade com a páscoa. B fez um ‘bichinho do amor’, que eu não consegui identificar que animal era.

V foi para o karatê e quando voltou estava muito agressiva, batendo em várias crianças. Em alguns momentos eu tentei separar a briga dela com a de T e sai arranhada.

No fim, S pediu para que as crianças se organisassem e pedissem desculpas para cada uma de nós. V fez obrigada. C me disse com raiva que não queria pedir desculpas porque “ela não tinha feito nada”.

*30 de março*

Fizemos dois planejamentos de oficina, um para caso chovesse e outro para caso não chovesse.

Com chuva:

**História:** Uma de nós conta uma história e sempre que na história falar uma palavra (por exemplo, vermelho) o grupo tem que apontar para uma parte do corpo pré-definida. Exemplo: todos em círculo... a palavra é VERMELHO e sempre que esta for dita todos devem apontar para a cabeça. Eu vou contar a história e falo: "Era uma vez a chapeuzinho azul (alguns se confundem e apontam pra cabeça, pensando que eu ia dizer chapeuzinho vermelho)... e vai contando a história assim.

**Apoio:** Levantar se apoiando no outro sem usar as mãos, um sentado de costas pro outro. Assim eles vão ter que combinar a hora de levantar juntos.

**Dança da cadeira inversa:** ao invés de tirar as pessoas, tiram as cadeiras e as crianças precisam se unir mais para caber todas a medida que a brincadeira avança.

**Animais:** Faz um círculo e uma de nós fica no meio. Aponta pra alguns e eles tem que montar animais. Só que alguns animais só podem ser feitos em mais de uma criança (por exemplo o elefante, que precisa de 3 crianças: uma faz a tromba e as outras duas fazem as orelhas...)

**Confecção de um cartão de Páscoa**

Neste dia não choveu, mas com a saída para o karatê ficaram apenas 5 crianças. Assim, continuamos na ONG e fizemos os cartões de páscoa que trocamos entre nós, com um sorteio e com um bombom, levado pelas estagiárias.

As crianças gostaram muito da atividade e se dedicaram aos cartões, com desenhos coloridos e mensagens. L demonstrou dificuldades para desenhar, além de ter muito ciúmes de C quando ela se dirigia a mim.

Fizemos em conjunto um cartão grande de páscoa para os que estavam no karate, que ao retornarem, também ganharam um chocolate.

As crianças que foram ao karate ganharam uma lembrancinha cheia de doces, o que incomodou os demais que não receberam. M fez questão de nos presentear com um bombom.

#### *6 de abril*

Enquanto as crianças tomavam café, S nos contou sobre a C, dizendo que ela estava em depressão profunda, que conversou com a tia dela sobre a sua preocupação. Contou também que C está anêmica e sem cuidados com a sua higiene.

Quando cumprimentamos as crianças, C foi falar comigo dizendo que não gostava da escola, e seus olhos se encheram de lágrimas. Sugeri que fossemos conversar em outro espaço, mas as crianças logo quiseram saber o que estava acontecendo e mal conversamos. Ela disse estar triste com a escola, que tem medo de ficar de recuperação, que faltou muito porque ficou doente. Ela se sentiu pouco a vontade em não fazer as atividades e disse “a tia S vai brigar comigo se eu ficar aqui”. Me senti muito angustiada neste momento, incapaz de acolher o seu sofrimento após uma abertura.

Depois voltamos para o grupo e ela se mostrou mais a vontade, e ao fim da atividade, ela já estava entrosada e com uma aparência melhor.

Como aquecimento, fizemos um alongamento e dividimos o grupo em dois para fazer mímicas. As tias ajudaram um pouco com idéias, mas todas as mímicas foram muito criativas e tinham mais de uma criança em sua elaboração. C mostrou-se participativa e mais a vontade com o grupo, possivelmente pela presença de P e J, que têm a sua idade.

Em seguida, pedimos ao grupo montasse uma peça de teatro dos animais. J era a professora dos animais e também a narradora da história. Eles fizeram um concurso de beleza e A, a borboleta, saiu vencedora e C que era uma tartaruga perdeu, ficando triste e sozinha. Os outros animais percebem e decidem integra-la ao grupo. No fim, eles fazem uma grande festa com uma dança dos animais todos juntos e fazem uma declaração de carinho para as estagiárias e para S.

Finalizamos o dia elogiando a participação de todos e o comportamento. Enfatizamos que o respeito entre eles fez com que a atividade se tornasse produtiva e agradável a todos.

#### *13 de abril*

Começamos com um relaxamento em duplas. As crianças se mostraram interessadas e dispostas, já que os exercícios eram diferentes dos que elas estavam acostumadas e a atividade envolvia o corpo.

Nos organizamos em círculo e pedimos que memorizassem aqueles que estavam aos lados direito e esquerdo. Em seguida fizemos uma atividade que consistia em caminhar e olhando nos olhos uns dos outros, por vezes lentamente e por vezes rapidamente. As crianças tiveram bastante dificuldade em manter o contato visual no começo, mas até o fim da oficina percebia-se uma forte diferença elas já conseguiam se encarar.

Após alguns minutos caminhando propomos que parassem de andar e dessem as mãos àqueles que estavam localizados nos lados direito e esquerdo, de forma a construir um “nó humano”. Para completar a atividade as crianças deveriam, sem soltar as mãos, desfazer o nó e montar novamente o círculo.

As crianças estavam animadas com a atividade e mostraram que conseguiam com facilidade trabalhar em grupo, conseguindo ouvir as outras e se colocar. Como elas gostaram, repetimos a brincadeira várias vezes.

Ao voltar com as crianças do karatê o grupo iniciou uma nova atividade, que chamamos de “Brincadeira do PARE”. A mesma consistia em dividir as crianças em duas fileiras, uma de frente para a outra. Uma das fileiras anda em direção a outra até que a dupla parada diga “PARE”. Vimos que L tinha dificuldade para encontrar duplas que não fossem tias, sendo que ela rejeitava outras crianças e fugia da brincadeira. A e D mais uma vez demonstraram ficarem incomodados quando se aproximam fisicamente.

No final da atividade, as crianças falaram sobre o comportamento de L, que para eles “atrapalha” a brincadeira quando ela se afasta.

Após as atividades, conhecemos a tia de L e M através de S. Ela nos contou que as meninas moraram em um orfanato por alguns anos, e L não se lembra de ter conhecido a mãe, que perdeu a guarda das filhas quando L era bebê. A tia se mostrou presente e responsável pelas sobrinhas, mesmo que tenha alguns conflitos com o marido por conta disso.

*20 de abril*

Neste dia, S estava muito doente e quem acompanhou a oficina foi K. Logo que chegamos, vimos ela chamar a atenção de E que estava comendo “sem etiqueta” segundo ela, e eu achei uma colocação que não cabia ao contexto das crianças. K, ao contrário de S, nos “vigia” o tempo todo, o que me incomodou. Aproveitamos o bom tempo para levar as crianças para a quadra, e ela comentou que tínhamos que pedir uma autorização para os pais para poder levar as crianças na quadra e também tirar fotos.

As brincadeiras propostas eram:

**Pega-pegas:** É uma variação do pega-pegas comum. O pegador fica com uma bexiga/bola e pra conseguir 'pegar' o outro tem que encostar a bexiga na barriga do outro. Os que estão fugindo não podem se agachar nem encostar em objetos com o intuito de esconder a barriga, tem que deixá-la a mostra pra o pegador conseguir pegar. Mas um pode ajudar o outro. Se eles se abraçarem o pegador não vai ter como pegá-los. A idéia é deixar eles perceberem sozinhos que se abraçando eles não são pegos.

**Pique bandeira:** Trabalhar a cooperação dos grupos. Cada grupo para marcar pontos deve pegar a sua bandeira, que fica depois do campo do time adversário. Para isso, não pode ser pego pelo outro time enquanto atravessa o campo.

Fazia muito sol na quadra e eu participei de todas as brincadeiras com as meninas presentes. No caminho, A foi comigo de mãos dadas e dizia gostar muito disso. Em seguida, falou que sua mãe estava grávida, mas não respondeu quando eu perguntei como ela estava. L se mostrou irritada com as outras meninas que queriam voltar para a ONG por causa do calor. Percebi dificuldades nas meninas em trabalharem em equipe,

sendo que todas queriam correr em busca da bandeira e deixavam o campo com acesso fácil para o outro time. L e C se agrediam verbalmente o tempo todo.

Depois voltamos para a ONG e conversamos com as meninas que estavam no grupo. C voltou a dizer que não gosta da escola, e me contou um pouco sobre a sua família. Disse que sua mãe está grávida de novo, e que tem mais 8 irmãos que moram com ela, inclusive uma que já é casada e tem um filho.

*27 de abril*

Julia levou como proposta atividades relacionadas a sensações. As crianças foram vendadas, uma por vez, e depois colocaram as mãos dentro de saquinhos de pano com diferentes materiais como algodão, lã, fitas, entre outros. Tentamos impedir que as crianças “soprassem” umas pras outras, e a maioria não conseguia identificar o que era, mostrando-se surpresos ao retirar a venda.

Em um momento da brincadeira, E e L se isolaram e E mostrou para L que estava colocando o algodão que tinha recebido na vagina. As duas estavam rindo.

Depois a proposta era a de que a criança que estivesse vendada adivinhasse quem era a pessoa que eles estavam tocando através do rosto e das mãos. Todas as crianças fizeram, e chamou a atenção para o fato delas se empenharem muito para “enganar” o outro, usando a criatividade. As meninas prendiam e soltavam o cabelo e pediam nossos crachás emprestados. C disse “você sabem com quem vocês estão falando? Agora eu sou da Psicologia”. Eles se mostravam muito felizes ao usarem nossos crachás.

F e C afirmaram em quase todas as pessoas que a pessoa que estava a sua frente era eu (Rayssa).

C provocou L algumas vezes, a chamando de “bactéria”, e depois pediu desculpas quando lhe chamamos a atenção.

L mais uma vez fugia das brincadeiras a qualquer provocação. Crislaine mudou a sua postura, e falou em um tom mais firme com ela para que ela ficasse próxima do grupo. Aos poucos, ela se inseriu de novo na brincadeira.

*04 de maio*

Julia levou como proposta um aquecimento baseado em respiração. Para começar, as crianças encheram bexigas para “lembrar” como se assopra. Depois, caminharam sustentando uma pluma no ar com o sopro, um de cada vez.

Em seguida, brincamos de “Telefone sem fio de careta” em que, em fila, todos deverão virar para um lado enquanto a primeira criança que faz a careta. Um a um, as crianças deverão imitar a careta e, no final, veremos qual a semelhança que há entre o último da fila e o primeiro. Nesta brincadeira muitos não quiseram se manter em fila, querendo descobrir qual era a careta antes dela chegar. Todos os participantes fizeram a careta, mas as crianças tinham vergonha em fazer caretas. Percebi que L tem dificuldade em copiar a expressão do colega, e em se expressar. F para fazer careta fez um bico, com uma mão na cintura e a outra rodando uma bolsinha.

Em seguida, tentamos nomear os sentimentos expressados pelas caretas, e as crianças não conseguiam distinguir muito bem um do outro. Ainda em roda, eles pediram que fizéssemos um “telefone sem fio” tradicional, e muitos se irritavam com as mensagens erradas, esquecendo-se que era o objetivo da brincadeira.

C disse que estava com sono e pediu para deitar no meu colo. Ela estava em posição fetal, e disse que estava gostando muito. L se aproximou e quis fazer o mesmo, o que irritou C. Nesse momento, eu levantei e peguei as duas pela mão e voltamos para o grupo.

Quando as crianças do karate chegaram, propomos uma “estátua” diferente. Suane conduziu a brincadeira, falando para andar rápido e depois devagar, depois na lua, depois na ponta do pé, entre outros. Quando ela pedia para parar, escolhemos 3 crianças que ficaram paradas e as outras deveriam mudar as suas posições. Repetimos a atividade até que todas ficassem paradas. Nestes momentos, L brigou com C e também com M, que a provocou muito. Ambas se agrediram. E ao mexer no corpo de P, colocou a mão dela na vagina, causando constrangimento. Algumas crianças eram agressivas e tinham a intenção de machucar o colega enquanto tocavam no corpo.

No fechamento, as estagiárias colocaram o incômodo sobre os comportamentos agressivos entre eles e pedimos para que eles não julgassem o comportamento do colega, e sim refletir sobre o seu próprio comportamento.

### *11 de maio*

Assim que chegamos vimos que o espaço da Ong mudou de “stand” e se tornou maior. As crianças e a S estavam felizes com a novidade.

Para propor uma atividade, observamos que as crianças adoram brincar com bexigas. Dessa forma, então montamos uma oficina que eles manuseassem e também mostrassem formas de se relacionar. Para iniciar a atividade, levamos um relaxamento que eu conduzi que eles tinham que imaginar um encontro com uma pessoa que eles gostassem muito. E e F não aderiram muito.

Depois, levamos uma bexiga para cada um, que foi preenchida com farinha por eles mesmos, e depois que tivesse um “corpo” eles colocariam o rosto. A idéia era a de que cada um criasse o seu amiguinho e inventasse uma história, que seria compartilhada com o grupo depois. Nessa atividade incentivamos a cooperação, a criatividade e também o desenvolvimento motor.

Forramos a mesa da ONG para não sujar de farinha e montamos funis de cartolina para facilitar. Alguns eram mais habilidosos, mas logo percebemos que eles se ajudavam entre si. As crianças se divertiam muito fazendo sujeira com a farinha na mesa, e brincavam juntas com os “montinhos” formados. Entretanto, nós tivemos dificuldades para encher as bexigas e eles também queriam colocar muita farinha, o que acabou atrasando a atividade e nos deixando sem tempo para montar a história.

S mostrou-se muito impressionada com a brincadeira, e gostou muito de manusear a bexiga com farinha, elogiando muito o nosso trabalho.

F mostrou-se muito próximo de P e também muito solícito. P disse que vai chorar quando as tias forem embora e perguntou quando seria isso. S ouvindo a conversa perguntou se voltaríamos depois das férias ou se seria outro grupo, e nos dissemos que sim.

As crianças se mostraram muito resistentes em criar um rosto para o boneco, principalmente E que não fez o rosto apesar da nossa insistência. Elas afirmavam que estava “feio” e pediam para fazer de novo ou para alguém desenhar.

C brincou com o meu cabelo, fez penteados e disse que o estava alisando. Comentou que perdeu um dos brincos e ficou triste por não ter outro par para usar. Mais uma vez, disse não gostar de ir pra escola.

L não compareceu. Quando perguntamos a M sobre a falta da irmã, ela contou que ela estava no reforço da escola e que não sabia se ela voltaria.

No fechamento, as crianças afirmaram ter gostado da brincadeira com os bonecos e de ter feito sujeira.

*18 de maio*

A oficina foi proposta por Júlia, com as atividades de contorno do corpo e construção do personagem para a estória. Depois de montarmos o corpo grande, a proposta era a de contornos de bonecos pequenos para que eles possam construir um personagem. Esses bonecos serão as pequenas ferramentas do corpo do bonecão grande. Ou seja, cada um deles irá "controlar" uma parte do corpo do bonecão e a partir disso que devem construir uma estória. No entanto, as crianças se entreteram tanto na construção do boneco grande que esta foi a única atividade realizada hoje.

Chegamos e as crianças estavam tomando café. Antes disso, fizeram alongamento com Tati, outra estagiária. Assim que C me viu, me disse que não foi a escola ontem e que não queria ir hoje de novo.

Iniciamos a tarefa fazendo o contorno do corpo no papel kraft, que no caso foi o meu. As crianças acharam divertida a experiência, mas muito agressivas em relação ao desenho das colegas. Depois disso, começaram a desenhar no boneco e sem que houvesse discussão, ele era uma menina devido aos objetos e roupas desenhados. Eu achei isso natural, já que no grupo de hoje só haviam meninas e B, que estava no karate.

A princípio, cada uma começou a desenhar no próprio boneco, de forma individual. Depois, com a ajuda e sugestão das estagiárias, começaram a fazer acessórios na cortolina e a perguntar para as outras o que poderia ser feito. Então elas se dividiram e ficaram responsáveis por cada parte. P fez a camiseta com muito capricho, baseada na bandeira do Brasil. L fez um relógio, anéis e brincos; E uma bolsa, A uma saia e C os sapatos. Ela se mostrou muito resistente ao fazer o desenho, sempre dizendo que não queria mais e que estava feio, além de pedir minha ajuda e opinião. No fim, fez um par de sapatos vermelhos e usou como molde seu próprio sapato.

C também me contou sobre as suas manchas, dizendo que sua irmã lhe deu um sabonete para trata-las. Essa irmã é casada, não mora com C mais, tem 24 anos e já tem uma filha de 3. Quando perguntei se ela sabia o que eram as manchas, C negou. Perguntei como ela usava o sabonete, para saber mais sobre os seus hábitos de higiene. Ela disse que apenas na segunda e na quarta o usava, e nos demais dias era o sabonete comum. Disse que tomava banho na própria casa. Depois, sem que eu perguntasse diretamente, ela disse que tomava banho só nos dias que ia para a escola. Hoje o seu odor forte era decorrente dos três dias sem banho.

C disse que estava com dor de cabeça e também achava que estava com febre, pedindo para mim confirmar. Disse que caso não passasse a dor, ela ia pedir para a escola ligar para a mãe dela e autorizar a sua volta para casa. Também reclamou das dificuldades na aula de matemática.

Enquanto desenhava isso, várias vezes desenhava um "óculos", segundo ela, mas que se assemelhava muito a um pênis. Desenhava, me mostrava e depois apagava. Disse que não queria colocar no boneco estes óculos. Pedi a ela que fizesse este desenho a Cris, para ver se ela estava fazendo dirigida a mim. A primeira vez que desenhava para Cris, C fez um desenho mais semelhante a um óculos. Em seguida, fez o que havia feito a princípio e chamou Cris para ver.



Depois de muita insistência minha em que ela terminasse os sapatos ela os recortou e também as estrelas que tinha feito para enfeitar. Depois disso, C decidiu iniciar um desenho e me contar uma história espontaneamente. Era um coelho, sem corpo, que estava triste. Sua expressão era sorridente, e fiz este comentário, e ela disse “é assim mesmo”. O coelho estava triste porque a coelha tinha ido embora para a casa dela e ele ficou sozinho. Eles tinham brigado. A coelha também estava triste e C a desenhou, dentro de uma casa e fez um caminho tracejado do coelho até a casa da coelha. Depois pediu minha opinião sobre este caminho, e eu disse que ela poderia fazer do jeito que ela achasse melhor. Então ela fez um traço forte, ligando os pontos. Ao chegar na casa, a coelha estava com outro coelho e o primeiro coelho ficou triste.

Após este momento, ela colocou os sapatos na boneca e as estrelas que havia feito. Reclamou várias vezes do desenho das outras meninas e ofendeu L, chegando a chamá-la de “vaca”.

Após o fim da colagem e de ter ajudado A e E, C mostrou a Cris o desenho dos coelhos e pediu para que eu contasse a história. Eu disse que ela sabia melhor e ela não quis contar. Pouco tempo depois, ela me contou novamente a história e eu perguntei como o coelho ficava. Ela disse que ele foi novamente a casa da coelha, que tinha brigado com o outro coelho (nesse momento ela riscou este terceiro coelho) e eles voltaram e “viveram felizes para sempre”.

### *3 de agosto*

Pedimos as crianças que fizessem desenhos e contassem sobre as férias, tanto para nós quanto para as outras crianças. Queríamos retomar o vínculo e ver como eles estavam se relacionando neste mês.

Elas fizeram vários desenhos, e vimos que eles saíram muito juntos. Alguns frequentaram a casa da P, que a mãe gostava muito de recebê-los. As crianças também fizeram cartinhas para Maria Inês e Sonia.

Tanto P quanto A não contaram sobre as férias. A foi vista pela Cris nas férias vendendo pão de mel no semáforo, lembramos disso e entendemos seu silêncio.

S nos contou que E saiu do grupo. Disse que ela faltava muito e o pai não tinha compromisso com o projeto, pois gostava de leva-la para passear.

Por ter notado o sofrimento de E no semestre passado e a falta de suporte no seu cotidiano, achei uma perda muito significativa. Questionei os limites da nossa prática e como lidamos com as decisões de S, quando ela diz que determinada criança é boa porque é quieta e não falta.

### *10 de agosto*

Nessa oficina levamos como proposta que as crianças desenhasssem uma casa, com o intuito de entrar em contato com conteúdos referentes a família, que se destacaram no semestre anterior quando estávamos reconhecendo as demandas.

Desde o relaxamento, L saiu e não queria participar da atividade. Essa atitude já havia sido feita anteriormente e passamos a esperar que ela retornasse.

Suane se dirigiu a L quando a viu chorando e as demais ficaram com as outras crianças. C faz um desenho muito infantil para a sua idade, com poucas cores e apenas o contorno da casa. Depois fez questão de escrever "meu quarto e do I" e depois risca o nome e coloca "meu pai", em uma tentativa de colocar no desenho aquilo que ela achava que tinha permissão para fazer.

Leticia decide representar o que C faria no quarto e faz gemidos, insinuando que estava fazendo sexo. Notei que ela usava isso para “testar” a nossa autoridade, ver se iríamos puni-la, mas nenhuma das estagiárias fez isso.

*17 de agosto*

O objetivo dessa oficina era iniciar a temática sobre o corpo e ver como as crianças se percebiam fisicamente.

Percebemos que L faltou e M disse que ela demorou pra se arrumar e ela não quis esperar, o que mostra o quanto a irmã mais velha ainda é responsável pela outra.

Após o café, vendamos as crianças para que elas fizessem o relaxamento com menos estímulos e de forma mais individual.

Eles ficaram agitados com a venda, queriam fazer outras brincadeiras e se aproveitavam do fato de "não estar vendo" para provocar os colegas. Depois de um tempo conseguimos acalma-las e iniciamos o relaxamento. Muitas se mostraram um pouco regredidas, querendo colo e uma tia por perto e chegando a dormir. C quis chamar a

atenção o tempo todo, falava muito, dizia que queria ficar perto de M e que queria dormir com o I.

Em seguida tentamos iniciar a atividade com os bonecos de EVA na mesa, como de costume, mas S havia colocado muitas caixas e sentimos que ela não estava sendo receptiva com a proposta. Fizemos então no outro espaço com dois bonecos. Percebi que as crianças tinham dificuldades para entender que eram dois bonecos para o grupo todo utilizar, sendo que eles queriam cada um costumiza-los do seu modo.

Notei que a nossa proposta foi a de que todas as roupinhas feitas fossem coletivas, mas nós havíamos os separados em dois grupos ao levar dois bonecos e por isso o objetivo da atividade ficou confuso. Notamos que eles brigavam muito entre si, tanto fisicamente quanto verbalmente, e que se ofendiam de forma muito preconceituosa. C queria muito ajudar o nosso trabalho e eu vi aquilo como uma forma dela se igualar a nós, no sentido de uma postura feminina, e também de ganhar créditos para quando estivesse atrapalhando a atividade. Ela dançou de forma muito sexualizada em um momento e falava sobre dormir com I e o chamava de "bonitinho". M tomava a frente para desenhar as roupas e não deixava os demais fazerem isso. Chamamos a sua atenção algumas vezes, e ela se fazia de desentendida, como se estivesse nos enganando. Ao final, as crianças estavam se agredindo muito e tivemos dificuldades para reverter a situação, tendo até que ultrapassar o horário.

Conversamos com S após o encerramento, e ela falou da história de algumas crianças. Elogiou o nosso trabalho, dizendo que as crianças gostam muito das nossas atividades e que elas nos vê como ótimas estagiárias por prepararmos antes as oficinas. Ela fez alguns comentários com muita taxativos em relação as famílias das crianças, dizendo que apenas um possui uma família "certinha". Falou dos trajes das mães, da falta de adesão delas ao projeto, do que ela considera maus exemplos. Culpou a mãe de L pelo comportamento dela, dizendo que ela deve ter dado pouca atenção para a filha, que usou drogas na gravidez, além do abandono. Contou que o I e o M são irmãos de pais diferentes, sendo isso um indicio de que não é uma "boa família".

Neste dia a postura de S me incomodou muito pois percebi que no início ela estava resistente ao nosso trabalho, mesmo que de forma inconsciente, e quando perguntamos

se ela tinha alguma queixa, alguma sugestão apenas falou das crianças como problemáticas e suas famílias.

### *24 de agosto*

Nesta oficina havíamos planejado retomar os bonecos da semana anterior, mas como duas crianças brigaram, mudamos o objetivo para fazer um desenho de algo que os deixasse feliz e algo que deixasse com raiva.

A contou que estava triste porque sua mãe deu a luz a mais um menino e ela não tinha uma irmã, como ela desejava.

Iniciamos a atividade e notamos que o grupo estava muito agressivo e agitado. Eu e Suane tivemos dificuldades para manter o controle, inclusive para conseguirmos ser ouvidas. Ameacei C de retirá-la do grupo caso ela não colaborasse, e após algumas ameaças, acabei a levando para o outro espaço. Ela pediu para voltar e disse que iria se comportar. P ficou irritada e se afastou do grupo, chamando as outras crianças de loucas.

Pedimos às crianças que fizessem desenhos como os bonecos da semana passada. S nos chamou e pediu que prestássemos atenção em M, que estava agressivo e que ela mesma já tinha conversado com ele. Assim que se sentaram, M brigou com P e acabou batendo nela. P chorou, eu a ouvi e vi seu braço. M e L se juntaram a P e não queriam fazer a atividade com os demais, desejando separar os materiais que elas usariam dos demais. As três diziam muito alto que não queriam sentar perto de M, que ficou triste. Depois de analisarmos a demanda, vimos que a atividade que havíamos pensado não caberia e pedimos então que eles desenhassem algo que os deixava com raiva. A princípio, todas as crianças estavam com dificuldades para pensar em algo que lhes incomodasse.

M não quis se dedicar ao seu desenho pedido, influenciando outras crianças que imitavam seus desenhos. L foi a que demonstrou mais dificuldade para desenhar algo diferente do da irmã, querendo até usar o desenho como modelo. Depois de insistirmos

muito que ela fizesse o próprio desenho, M passou a chama-la de burra. L desenhou uma menina e disse que era a irmã o que lhe deixava com raiva.

Em um dado momento, surgiram repórteres da TV Santa Cecília para filmar e entrevistar as crianças e S. Eles também filmaram nossas atividades e as crianças desenhando. Entrevistaram S, Suane e algumas crianças. Filmaram também o encerramento da oficina.

Cris teve que dar muita atenção a I para que ele conseguisse se concentrar e desenhar algo que lhe irritasse, ainda mais quando M interferia no trabalho. M desenhou dois bonecos, e identificou um deles como ele mesmo, e o outro como I e depois disse que era apenas um menino. Disse que não gosta quando o xingam. Perguntei se ele gostava quando o batiam, ele disse que não. Lembrei então do ocorrido com P e ele se sentiu mal, pedindo desculpas para ela ao final da oficina. Depois foi ao banheiro com as meninas e Lia. Como o grupo era grande, acompanhei Lia. Esperei do lado de fora por M e notei que ele tinha várias cicatrizes. Perguntei de uma delas e ele começou a me contar de todas elas, como que as adquiriu. Contou também que já passa a sua roupa e que apanhava do seu pai.

Nesse momento, Lia saiu com as meninas do banheiro, que estavam muito agitadas. M corria pelo mercado, L e P iam atrás. C e A brigaram no banheiro, e C ameaçou de bater em A na saída da ONG. W desenhou uma cinta, dizendo que não gosta quando o pai dele a usa para bater nele. P ouviu e disse que seu pai não bate, só lhe dá broncas e coisas, enquanto a sua mãe bate quando ela não se comporta bem, sendo que no seu desenho ela escreveu que fica com raiva quando as crianças bagunçam. E escreveu que fica com raiva quando lhe chamam de leão (por causa do seu cabelo). Ao irmos embora, acompanhamos A e B, que estavam com medo de C. C realmente os esperava do lado de fora e xingou A quando a viu em nossa companhia.

*31 de agosto*

Para esta oficina sentimos a necessidade de retomar os combinados e refazer o contrato com as crianças. Propomos um relaxamento com vendas, retomamos o contrato e depois passamos a uma atividade em que eles deveriam fazer as formas que mostrávamos todos juntos, uns atados aos outros.

Relatamos as crianças as mudanças das regras e Crislaine assumiu a frente neste momento. O grupo todo se mostrou surpreso ao ouvir sobre as regras e combinados, principalmente em relação ao banheiro.

Ao realizar o relaxamento, o grupo demonstrou interesse e foi mais tranquilo. Mesmo assim, notei que todas as estagiárias estavam se sentindo desconfortáveis com a situação, já que as crianças se mostraram ainda mais agressivas como forma de testar a autoridade e exigindo um enorme esforço nosso para nos mantermos nessa posição.

Propomos uma atividade que envolvia trabalho em grupo e cooperação, que era, com as mãos amarradas, construir formas geométricas com a ‘corrente humana’ que se formasse. No entanto, vimos que a atividade não cumpriu os objetivos, indo no sentido contrário, aumentando mais as agressões e as disputas por espaço.

Após a supervisão, pudemos perceber que se tratava de uma atividade incoerente, já que deveríamos ter explorado algo mais relacionado a acolhimento, que se iniciou no relaxamento, após termos sido firmes quanto as regras e ao fim propomos uma atividade que estimulou o oposto.

Sinto que a nossa dificuldade em perceber isso no momento de elaboração e realização da oficina se deu por estarmos também em uma situação ambígua com as crianças – queríamos ser ouvidas e não conseguíamos ouvir.

Nos preparamos para que na próxima oficina pudéssemos fazer a reparação.

#### *14 de setembro*

Para esta oficina levamos uma história infantil adaptada (cachinhos dourados) retratada por bonecos artesanais em forma de porquinhos. O objetivo era mostrar que às vezes

quando alguma regra é quebrada, o afeto ainda existe e o ato será reparado. S antes de começar a oficina me conta que no encontro anterior as crianças reclamaram por terem ficado amarradas. Expliquei sobre os combinados, disse que iríamos retomá-los hoje de um jeito diferente e que as suas sugestões eram bem vindas.

Falamos novamente dos combinados e explicamos os motivos deles serem seguidos, para que fizesse sentido. Dessa forma, conseguimos ser mais claras e ouvi-los. Depois apresentamos a história, e os bonecos foram muito bem feitos por Cris e eram bonitos. Vimos o quanto eles estavam atentos e encantados com os bonecos, por ser algo lúdico e diferente do que normalmente estávamos fazendo.

Pedimos que em dois grupos eles representassem outra história e eles utilizaram os mesmos bonecos e outros objetos da ONG. Notamos que M teve muita dificuldade em não assumir a postura de líder do grupo.

Tentamos finalizar conversando sobre a história, o que ela havia significado, e pedimos que as crianças que ensinassem uma brincadeira. Eles ficaram agitados novamente, com muitas ofensas verbais e dificuldades em entrar em acordo. Pedimos a atenção algumas vezes e encerramos a oficina mais cedo.

#### *21 de setembro*

Como a oficina anterior foi bastante elogiada pelas crianças, propomos a confecção de bonequinhos de dedo, para que cada um pudesse contar uma história.

Retomamos o setting com um relaxamento utilizando as vendas, o que fez com que as crianças se acalmassem.

Quando explicamos o que iria ser realizado, vimos que eles criaram histórias muito diversificadas, com pessoas famosas e performances, outros fizeram histórias próprias e alguns reproduziram algo que já estava mais familiarizado.

Notamos que I continuava muito agressivo com as demais crianças e Suane conversou com ele individualmente.

#### *28 de setembro*

Nesta oficina propomos um psicodrama, para que pudéssemos trocar de papel com as crianças e ver como elas nos enxergavam.

Quando chegamos, as crianças pediram para assistir a troca de faixa de W no karate e adaptamos a nossa atividade para uma hora.

Combinamos com S e com as crianças que assistiríamos a apresentação, mas que antes faríamos uma parte da atividade.

Explicamos o que era um psicodrama de forma simples, e fizemos uma pequena cena para exemplificar. Ainda assim, tivemos que chamar a atenção algumas vezes.

A primeira cena era a nossa chegada a ONG enquanto eles tomam café da manhã. L saiu do grupo e A contou que ela só faz isso quando estamos lá, o que nos chamou a atenção e fez refletir sobre a prática.

Depois pedimos a algumas crianças que elas assumissem o papel de “tias”, emprestando os nossos crachás e representando a troca visualmente. Pedíamos as crianças que eram mais contidas para assumirem essa posição, e nós fazíamos bagunça, ou criávamos atividades paralelas ao grupo. Depois trocávamos novamente as crianças e tentamos fazer que todas passassem pelas duas experiências – tia e criança.

Surgiram diversas manifestações das crianças, inclusive mostrando a dificuldade em assumir o controle e pedindo ajuda. Também foi muito rico para mim me colocar no outro lado, ouvir bronca (“você é muito bagunceira, tia”) ver que é divertido fazer bagunça e relembrar o quanto isso pode ser prazeroso.

Chamou a atenção a fala de C quando as crianças faziam bagunça, dizendo que mandaria para um colégio interno ou um orfanato. Nesse momento intervemos e mostramos que a nossa postura não era esta.

Ao fim, todos estavam satisfeitos e contentes com a atividade, que foi muito rica para todos os envolvidos.

*5 de outubro*



Retomamos o psicodrama com o objetivo de ver as demais atividades da ONG e como eles se relacionavam com elas, já que pensávamos que durante a nossa oficina as crianças conseguiam expressar os conflitos da semana toda.

Tivemos dificuldade em fazer com que todos participassem no grupo, com rotação dos papéis.

Notamos que T, que era nova, exigia atenção individual das estagiárias e criava conflitos com as demais crianças para ganhar nossa atenção. Possivelmente ela estava entrando em contato com a dinâmica grupal e depois reconheceria seu espaço no grupo.

Em certo momento M deixou o grupo e incentivou L e I a também fazê-lo. Notamos que isto ocorreu porque eles não estavam satisfeitos com a atividade e resolveram “brincar de outra coisa”, já que M não conseguia fazer parte do grupo sem ser como líder.

#### *19 de outubro*

Pensamos para esta oficina um Atendimento Terapêutico para M, já que assim sua irmã conseguiria se colocar mais e também seria possível ouvi-la mais facilmente.

Porém como a atividade envolvia argila e ela se mostrou interessada, o AT foi adiado.

Ao mexerem com a argila, as crianças mostraram enorme satisfação, além de manifestar conteúdos sexuais e regredidos, como esperávamos. Eles esperavam uma “repressão” da nossa parte quanto aos objetos que eles faziam, já que alguns fizeram genitais.

#### *26 de outubro*

Tínhamos pensado em retomar a argila neste dia, mas fomos surpreendidos pelas crianças. Elas pediram para que esperássemos, já que estavam planejando uma surpresa.

Eles fizeram uma releitura do psicodrama, que foi realizado nas oficinas anteriores, e encenaram uma de nossas oficinas, sendo três crianças representaram “tias” e as outras atuaram como crianças da ONG.

M era a líder do grupo, ajudando as outras crianças a se colocarem e representarem seus papéis. Notei a diferença na forma que ela estava conduzindo o grupo, já que dessa vez estava sendo uma experiência positiva para ambos os lados. Ela ensinou aos demais dobraduras e todos fizeram juntos.

Após isso, eles pediram “desculpas” e nos entregaram desenhos de presente.

Ficamos felizes com a oficina e percebi que aquelas desculpas eram uma forma de dizer “obrigado”. Entretanto, só após a supervisão e a leitura da supervisora, que pude entender o que eles realmente estavam agradecendo, que era o fato de termos passado por situações angustiantes e termos continuado ali, ao lado deles.

Na encenação, eles mostraram que podem fazer uma oficina sozinhos, ou seja, que nossa tarefa de promover autonomia, cooperação, e demonstração de afetos foi bem sucedida, a ponto deles terem assimilado e nos mostrado isso.

Nesse sentido, vimos o quanto o trabalho psicoterápico/ psicopedagógico com crianças requer uma leitura mais indireta, com maiores interpretações de fatos e não de palavras, que foi feita através da supervisão.

Neste momento, percebemos que a despedida do nosso trabalho foi realizada, mesmo que tanto o grupo quanto nós estagiárias ainda precisassem assimilar isto.

### *9 de novembro*

Após termos iniciado a despedida e termos entrado em greve na faculdade, pensamos em formas de falar as crianças sobre a parada do nosso estágio e também lembrar que estávamos nos despedindo.

Pensamos em representar com conteúdos semelhantes ao ambiente escolar coisas que estavam acontecendo na faculdade e que prejudicavam o ensino. Com desenhos, dizemos que a faculdade não tem “lanche” (restaurante universitário), quadras, carteiras etc.

Ao chegarmos a ONG, algumas crianças estavam agitadas e pedindo muito para que fossemos a quadra. Aceitamos, com a condição que esperaríamos os que estavam no karate chegarem.

Fomos para a quadra com o outro voluntário.. Estava muito sol, mas todos estavam entretidos em brincadeiras como pular corda, jogar bola, balanço e pega-pega.

Ao voltarmos a ONG eles estavam reclamando de cansaço e calor. Retomamos o assunto da greve falando sobre o que é necessário que tenha na escola.

Assim introduzimos o assunto da greve da faculdade, dizendo como isso interfere na educação pública não só em Santos, mas em todo o Brasil. Explicamos como isso interfere no estágio e na formação deles. Dessa forma, dizemos que iríamos lá apenas mais uma vez e que após esse momento viriam outras “tias” do ano seguinte. As crianças ficaram queixosas, tristes, mas compreenderam os motivos da paralização na semana seguinte.

Foi muito difícil para mim dizer que estávamos finalizando, e procurei não demonstrar tanto isso para que fosse mais tranquilo a assimilação deles. Fiquei com medo de que eles se sentissem mal em me ver tristes, mas fiz questão que soubessem que sentirei saudades.

### *23 de novembro*

Como combinado com S, levamos um lanche para as crianças e tomamos juntos.

Como eles já sabiam que era o nosso último dia prepararam despedidas com desenhos, teatros, muitos agradecimentos e carinho.


Depois disso, mostramos o vídeo que fizemos com as fotos e todos gostaram muito. Vimos como foi importante fazer uma “retrospectiva” do nosso ano juntos, e o quanto pudemos crescer, nos divertir e tirar lições que vão além da nossa presença na ONG.

Prometemos voltar no ano seguinte e que deixaríamos um pôster com fotos.

No momento de nos despedirmos, fiquei um pouco emocionada e procurei conter o choro. C percebeu e contou para os demais da roda, que me abraçaram.

**ASSOCIAÇÃO TAVMA**  
Projeto sócio-cultural e  
educativo para crianças  
e adolescentes

**2010**



**Praça Iguatemi Martins, s/nº - Mercado Municipal de Santos  
Mezanino - Bairro Vila Nova - Tel.: (13) 3027.5581 - Santos/SP  
e-mail: tavmaoficinadofuturo@yahoo.com.br**

**VENHA NOS VISITAR!**

Com o propósito de inserção social e fortalecimento da auto-estima, o Projeto Oficina do Futuro oferece para crianças e adolescentes oportunidades educativas, mediante atividades sócio-culturais e de expressão artística.

A meta do Projeto Oficina do Futuro é viabilizar a implantação de uma estrutura no Bairro Vila Nova, na cidade de Santos-SP, para o funcionamento das seguintes oficinas:

- Amigos do Zippy
- Papel (machê, reciclado, cartões, origami, pintura com corantes naturais e terra)
- Oficina de tecido
- Arte em madeira - reciclagem de móveis
- Balé
- Bijuterias
- Brinquedoteca
- Capoeira e Caratê
- Culinária
- Educação ambiental
- Leitura
- Música (coral e teclado)
- Nutrição
- Pintura
- Psicologia
- Reciclagem (retalhos de tecido, papel, fuxico)
- Reforço escolar de matemática e português
- Teatro
- Terapia ocupacional
- Yoga

Não jogue este impresso em vias públicas - Gráfica Canal Sete - (13) 3261-3924



**Objetivos:**

- Desenvolver as habilidades, os valores e as atitudes éticas, de forma que as crianças e adolescentes possam vivenciar um processo participativo na construção de uma sociedade mais justa.
- A conquista da cidadania plena deve ser baseada na valorização da educação e na crença de que o futuro da sociedade depende de todos e de cada um de nós.

**Princípios educativos:**

- Estabelecer relações de respeito consigo mesmo, com o outro, com o ambiente e a natureza, assim como desenvolver habilidades nas respostas aos desafios.
- Os eixos referenciais do projeto são:
  - Solidariedade
  - Respeito
  - Responsabilidade

**Valores:**

- Os valores adotados para gerir, planejar e estruturar o projeto educacional são:
  - Organização
  - Gentileza
  - Generosidade
  - Determinação
  - Cooperação

**Público-alvo:**

- **Beneficiários diretos:**
  - 40 jovens entre crianças e adolescentes na faixa etária de 7 a 17 anos.
- **Beneficiários indiretos:**
  - Famílias dos jovens
  - Sociedade
  - Voluntários
  - Parceiros

**Parceiros do Projeto Oficina do Futuro:**

- Comitê da Cidadania dos Funcionários do Banco do Brasil do Litoral Paulista
- Central Regional Histórica de Santos
- Empório da Praça
- Estação da Cidadania de Santos
- Panificadora São Luiz
- Pit.Zaz - Pizzas & Saladas
- Projeto Por um Mundo Melhor - PUMM (Colégio do Carmo)
- UNIFESP – Educação Física, Psicologia, Terapia Ocupacional e Nutrição.

